



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em
Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

**“Aprender através de *diferentes linguagens*: Um
olhar sobre o cinema na educação artística”**

Autor: Filipe Miguel Baptista Araújo

Orientador: Professor Doutor Leonardo Charréu
Co-Orientadora: Professora Doutora Manuela Cristovão

Évora 2013

Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do grau de *Mestre* em Ensino de Artes Visuais do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário realizada nas Escolas Secundária Rainha Santa Isabel e Secundária Cunha Rivara

“Aprender através de *diferentes linguagens*: Um olhar sobre o cinema na educação artística”

Autor: *Filipe Miguel Baptista Araújo*

**Orientador: Professor Doutor Leonardo Charréu
Co-Orientadora: Professora Doutora Manuela Cristovão**

Agradecimentos

Nesta prática de ensino supervisionada, é inevitável o cruzamento da comunicação, partilha e sabedoria, pessoas que nos ajudam a descobrir o melhor caminho para os nossos objetivos. Refiro-me ao meu orientador, Professor Doutor Leonardo Charréu, e aos meus colegas de mestrado, André Mantas, Joana Fonseca, Paulo Matos e Ricardo Silva, com quem partilhei várias horas de trabalho e consequentemente alguns pormenores desta prática de ensino supervisionada.

De referir, a total presença e cooperação, neste percurso, dos professores cooperantes Domingos Isabelinho na Escola Rainha Santa Isabel em Estremoz e Luís Silva na Escola Cunha Rivara em Arraiolos, aos quais quero agradecer por todo o apoio, sensibilidade e consideração que demonstraram, com críticas pontuais e importantes para o aperfeiçoamento e evolução de um futuro professor de Artes Visuais.

Agradeço a todos os agentes educativos envolvidos que contribuíram de forma positiva para a realização e concretização dos produtos finais desenvolvidos pelos alunos.

Agradeço à minha família, pela orientação e possibilidade de me proporcionarem este percurso académico.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma me motivaram durante esta etapa, especialmente à minha namorada, Carolina, que contribuiu inevitavelmente para o meu desenvolvimento e crescimento pessoal.

Por último, quero agradecer e dedicar todo este percurso ao meu falecido avô, que me abandonou no início desta prática de ensino supervisionada.

Resumo

Elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, o presente relatório pretende dar a conhecer os aspetos inerentes à prática desenvolvida no ano letivo de 2012/2013 nas Escolas Secundária/3 Rainha Santa Isabel e EB 2,3/S Cunha Rivara, situadas em Estremoz e Arraiolos.

O relatório engloba um enquadramento teórico sobre “Aprender através de diferentes linguagens: Um olhar sobre o cinema na educação artística”.

Por outras palavras, com a utilização de instrumentos audiovisuais, pretendeu-se otimizar os processos pedagógicos como uma forte vertente prática, com um amplo raio de ação a nível da utilização de ferramentas, mas também como a nível da criação e reflexão.

Neste caso, a produção de vídeo como ferramenta pedagógica foi usada com o objetivo de perceber se o processo de realização de vídeo permite facilitar o envolvimento dos alunos num ambiente participativo na sala de aula, afim de aprenderem a tornarem-se mais críticos, ativos, reflexivos, autónomos e seguros.

O relatório possui apêndices, anexos finais e ainda os trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

Abstract

"Learn through different languages: A look over the Cinema in Art Education".

Created under the Supervised Teaching Practice of the Master in Visual Art Teaching in the 3rd cycle of Basic and Secondary Education. The present report intends to show the aspects of the practice developed in 2012/2013 at Escola Secundária Rainha Santa Isabel and EB 2,3/S Cunha Rivara, located in Estremoz and Arraiolos.

The report includes a theoretical framework about "Learn through different languages: A look over the Cinema in Art Education".

In other words, with the use of audiovisual instruments it was intended to optimize the pedagogical processes as a strong practical component, with a wide range at the level of the use of the tools but also as a level of creation and reflection.

In this case, the production of video as a teaching tool was used in order to realize if the process of video production facilitates the involvement of students in a collaborative environment in the classroom, in order to learn and become more critical, active, reflective, autonomous and self confident.

The report has appendices, attachments and also the student works.

Índice

<i>Agradecimentos</i>	III
<i>Resumo</i>	IV
<i>Abstract</i>	V
<i>Índice</i>	VI
<i>Introdução</i>	1

PARTE 1

1 - Enquadramento Teórico

1.1 - Televisão inimiga do Cinema	3
1.2 - Educação para os Media	11

2 - O Cinema e a Escola

2.1 - A Pedagogia através do Cinema	18
2.2 - O Cinema na Escola em Portugal	19
2.3 - O Cinema no currículo das disciplinas de Artes Visuais no Ensino Secundário	20

3 - Reflexão sobre as Artes Visuais

	21
--	----

PARTE 2

1 - PES1_Escola Rainha Santa Isabel	26
1.1 - Caracterização do Meio Envolvente & Escola	27
1.2 - Caracterização da Turma	33
1.3 - Análise da disciplina de Desenho A	34
2 - Introdução_PES1	37
2.1 - Interpretação, Ampliação & Representação	38

2.2 - Planos de Visão & Storyboard	40
2.3 - Flipbook & Noções Bases de Cinema	43
3 - Workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual	45
3.1 - Conteúdos Programáticos	48
3.2 – Trabalhos realizados pelos Alunos	54
3.3 - Making of Fotográfico	55
4 - Análise e reflexão - PES_1	56
5 - PES2_Escola Cunha Rivara	57
5.1 - Caracterização do Meio Envolvente & Escola	58
5.2 - Caracterização da Turma	63
5.3 - Análise da disciplina de Educação Visual	64
6 – Introdução_PES2	
6.1 - Tecnologias Digitais	68
6.2 - Introdução ao Cinema & Storyboard	70
6.3 - Noções Bases de Cinema & Montagem	72
6.4 - Edição Vídeo & Pós-Produção Vídeo	75
6.5 - Visionamento & Reflexão de Grupo	77
7 - Análise e Reflexão - PES_2	79
<i>Considerações Finais</i>	81
<i>Bibliografia</i>	83

Créditos Iconográficos

Figuras:

1 a 10 – Escola Secundária Rainha Santa Isabel	26
Filipe Araújo	
11 – Exercício aula 1	38
Filipe Araújo	
12 a 17 – Realização dos Trabalhos aula 1.....	39
Filipe Araújo	
18 a 21 – Discussão/Reflexão do exercício da aula 1	40
Filipe Araújo	
22 – Storyboard (Distribuído aos alunos)	41
Filipe Araújo	
23 a 30 – Realização dos trabalhos aula 2	41
Filipe Araújo	
31 a 34 – Storyboards (Realizados pelos Alunos)	42
Filipe Araújo	
35 – Apresentação aula 3 Flipbook	43
Filipe Araújo	
36 a 44 – Realização dos trabalhos aula 3	44
Filipe Araújo	
45 – Cartaz Workshop	45
Filipe Araújo	
46 – Montagem (Programa: Adobe Premiere).....	48
Filipe Araújo	
47 a 61 – Desenhos (Realizados pelos Alunos)	54
Filipe Araújo	
62 a 85 – Making of Fotográfico Workshop	55
Filipe Araújo	
86 a 95 – Escola EB 2,3/S Cunha Rivara	57
Filipe Araújo	
96 – Apresentação aula 1 Tenologias Digitais.....	68
Filipe Araújo	

97 a 105 – Realização dos trabalhos aula 1	69
Filipe Araújo	
106 – Apresentação aula 2 Storyboard	70
Filipe Araújo	
107 a 115 – Apresentações (Realizadas pelos alunos)	71
Filipe Araújo	
116 – Storyboard (Realizado por Aluno)	72
Filipe Araújo	
117 a 121 – Programa de Edição Vídeo (Windows Movie Maker)	73 a 75
Filipe Araújo	
122 a 128 – Realização do Documentário	76
Filipe Araújo	
129 a 141 – Apresentações dos Documentários Finais	77 a 78
Filipe Araújo	

Introdução

O presente relatório integra-se na unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada e o mesmo encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte é constituída por uma formação teórica, que prende-se sobre “Aprender através de diferentes linguagens: um olhar sobre o cinema na educação artística.”.

O desenvolvimento e a socialização dos Jovens cresceu paralelamente com a evolução dos meios multimédia, onde a apropriação, manipulação, transformação e a aprendizagem de conhecimentos através dos meios audiovisuais são uma realidade democratizada e integrada no seu crescimento, juntamente com a partilha de conteúdos nas redes sociais. É inevitável que o desenvolvimento da tecnologia, os meios audiovisuais continuem a influenciar o quotidiano da sociedade, de tal forma, que torna-se necessário fornecer ferramentas aos jovens que lhes permitam conviver adequadamente com esses meios, através da aprendizagem de linguagens visuais para a construção de uma atitude ativa perante as imagens consumidas e o mundo.

A realização de produtos multimédia e audiovisuais nas Artes Visuais é essencial para criar relações entre as técnicas de representação tradicionais e as novas plataformas de expressão.

Constata-se que é necessário promover mais processos colaborativos e reflexivos envolvendo os media, porque contribuem de forma positiva para o desenvolvimento de competências gerais e específicas que os alunos devem adquirir.

A segunda parte deste relatório consiste na caracterização e descrição da experiência de PES, desenvolvida nas escolas Rainha Santa Isabel em Estremoz e na EB 2/3S Cunha Rivara em Arraiolos.

A prática de ensino supervisionada permitiu não só colocar em prática vários conteúdos científicos, pedagógicos e didáticos de carácter teórico abordados nas unidades curriculares do Mestrado, como também permitiu conhecer novas realidades, novas culturas. Isto permitiu criar e desenvolver estratégias pedagógicas adaptadas a essas novas realidades, sabendo refletir e avaliar o desempenho desta

experiência, como uma aprendizagem significativa para o melhor desenvolvimento de um futuro professor de artes visuais.

1 – Enquadramento Teórico

1.1. Televisão inimiga do Cinema

A história do cinema e dos seus públicos-alvo, entre outros aspetos, faz emergir a questão do cinema como arte e a televisão como um vício.

As bases práticas que se aplicam à realização de qualquer tipo de produção televisiva ou cinematográfica estão assentes no que se convencionou chamar de Cinema. Este existe há já bastante tempo e, por conseguinte, a riqueza de conhecimentos e experiências adquiridas confere-lhe um nível de desenvolvimento mais amplo e mais absoluto do que o que foi possível ser reunido até agora pelos programas em direto, registados ou reproduzidos pela televisão.

A maior parte das experiências parte da base da produção e da realização, que são também aplicáveis a todas as formas de manifestação visual, qualquer que seja o seu sistema de captação, transmissão ou partilha, considera sempre um emissor e um receptor. Do ponto de vista construtivo e criativo, os vários tipos de guiões usados, tanto no cinema, como na televisão, são mais importantes do que os diferentes métodos de realização e apresentação ao público. No entanto, tanto o formato como a disposição visual e as condições de observação, por parte do público são fatores em ter em conta. O fosso entre o cinema e a televisão é de maneira o real resultado de um contratempo histórico. O cinema era mudo: incorporou-se-lhe o som. Existiam processos de rádio e incorporaram-se-lhes as representações/imagem.

Como era de antecipar, estes meios de expressão foram-se associando progressivamente à dimensão que se ampliava o uso do estilo cinematográfico. A partir de determinada ocasião, o cinema favoreceu de algumas evoluções técnicas levadas a cabo pela televisão, ou melhor, pelos meios financeiros que as colossais estações de televisão trouxeram, tanto à indústria como aos realizadores. Uma iluminação aperfeiçoada foi sendo, cada vez mais, uma regularidade, equipamento avançado para a captação de imagem e montagem e outros meios digitais têm

constituído um reforço essencial ao crescimento do mesmo.

Todavia, estas modernas tecnologias digitais deram à televisão uma mobilidade e fugacidade, a montagem tornou-se de colossal rigor e elasticidade, ao ponto que a indústria televisiva foi abandonando o que originalmente a especializava, a transmissão em direto.

Existe uma disparidade entre a televisão e o cinema, sendo que a televisão é considerada uma indústria totalmente 'privatizada'. Na televisão não há um protótipo definido, nem uma estética específica, funciona de forma autónoma. É substancialmente, um modelo performativo e no seu registo impalpável encontra-se a sua adequada definição – desponha acontecimentos e ações transversalmente com uma contínua sucessão de imagens na sua conformidade de fluxo.

O grande fato cultural que caracteriza a televisão é que, a partir dos anos 50 ela passou a centralizar-se nas culturas de massa. De certa forma, as controvérsias sobre o teatro, a literatura, a moda estavam muito relacionadas com o cinema, e isto acontecia porque o cinema era uma arte que atraía a música, a literatura, a dança, o público e principalmente, a fama. Ao contrário, a televisão era uma indústria composta predominantemente por produtos voltados ao público de massa, concebendo produções ficcionais fortemente subordinadas e com necessidades comerciais.

Efetivamente, existem disparidades entre a televisão e o cinema, mas essas diferenças estão relacionadas com superficialidades menores, em momentos exatos, sendo que tanto o cinema e a televisão compartilham a mesma linguagem, de forma homogênea, nos suportes narrativos e estéticos. O que diversifica profundamente é a forma como os recursos são difundidos, bem como os requisitos técnicos referidos a cada um e a comunidade em que se inserem. O cidadão, como se vê, é moldado por estas tecnologias que, para tal, aproveita-se das vias ao seu alcance.

Sem dúvida, os media, que são passaporte para o envolvimento social, são promotores da educação, reverenciando a cultura e as crenças de cada sociedade. Os media contêm o privilégio do alcance absoluto. Falta-lhe encontrar seu autêntico

sentido de cidadania, ou seja, motivar no indivíduo para o bem comum, pelo benigno funcionamento das civilizações, pelo bem-estar da comunidade. Pode também contribuir para vulgarizar o desígnio de priorização de valores fundamentais, tendo em conta a história, a autonomia, a paz e o respeito mútuo. Pode também guiar o indivíduo na procura da auto-realização, metamorfismo de atitudes que fortifiquem o carácter, façam progredir a tolerância em relação à família, aos amigos, a todos os seres humanos. Pode promover o desenvolvimento de uma percepção crítica para uma superior compreensão, reflexão e juízo sobre os bens comuns da humanidade.

A cinematografia e a televisão podem coabitar no mesmo ecossistema, porém a televisão parte de uma narrativa igualmente empreendedora para segurar a atenção de quem está a receber a mensagem pré-definida. Uma realidade muito mais rigorosa do que a atenção harmonizada das nossas conhecidas salas de cinema, onde o público é isolado de outros estímulos externos, tendo atenção total ao filme idealizado. O formato da televisão, principalmente as mais antigas e as do presente, continua bem longe dos formatos das telas usadas nas sala de cinema, não justificaria similarmente afirmar o uso de linguagens que são relativamente desiguais. Em um e outro dos dois sistemas, todos os tipos de planos são executáveis, favorecendo as práticas normalmente investidas, a distância dos enquadramentos, entre outros.

O formato no emolduramento da configuração do objeto final, devido a delineações entre a imagem captada para o cinema e as dimensões das televisões, não podem justificar uma discordância de linguagens. Pois esses ajustes servem apenas para uma melhoria na visualidade das matérias audiovisuais. Apesar de apropriações tecnológicas requeridas pela realidade televisiva, pode-se proferir que a linguagem utilizada na versão cinematográfica continua presente mesmo quando o filme muda a via onde ele é ostentado. Isto é, a linguagem não muda quando um filme feito para o cinema é transmutado para a televisão. Esta é um dos objetos inventados pela humanidade que tem provocado elogios ao longo destas épocas; ao mesmo tempo, também tem motivado um colossal número de reprovações. São numerosos os seus protetores mas é grande o número dos que acusam de influenciar a mente dos seus públicos, notadamente dos mais novos.

Com a Internet ampliou-se a hipótese de divulgação de díspares formas de

comunicação. Em todo o mundo as imagens de acontecimentos terríveis ou agradáveis são dirigidos, momentaneamente a todos, desde os mais novos, aos mais velhos; atingindo quer famílias mais ricas, quer as famílias mais carenciadas. Tornamo-nos a todos, neste período, telespectadores usuais na nossa subordinada conduta.

No entanto, a televisão na sua configuração técnica, trata-se de um objeto ilusionista, cujo impacto nos meios de informação não pode ter sido idealizado pelos seus criadores. O seu préstimo como veículo de imagens e ruído, extrapolou os prismas dos seus vanguardistas mais optimistas; tornando-se, velozmente, a poderosa ferramenta de alienação da ação e condicionador inabalável das concepções humanas, manipulando as rotinas, hábitos e cultura dos povos. Não há nenhuma família em que a Televisão não execute a sua robusta intromissão. Não restam dúvidas que um dos mais importantes objetos criados na história mundial transforma a vida dos seres humanos, incorporando-se no quotidiano de todos nós.

No entanto, por trás de toda a influência exercitada pela televisão existem infinitos proveitos comerciais, egoísticos e extremistas que se ocultam. Infelizmente, também no momento em que se liga a TV (e qualquer criança poderá fazê-lo imediatamente dentro de casa onde está), também estamos sujeitos ao mais aperfeiçoado processo; aos mais desenvolvidos métodos de alienação de personalidade.

Aliados a todos estes processos está a publicidade, que se introduz na campanha publicitária, período em que um artigo permanece em divulgação na imprensa, ou na televisão, ou qualquer tipo de meio de comunicação. Anterior a ela, está uma estratégia de informação que implicava uma melhor mensagem para um produto e públicos consistentes; a seleção do meio em função da audiência, lucros, e a dimensão, ou seja, o tempo de permanência, dias da semana ou horas do dia que ia incidir sobre o público alvo pretendido.

Quanto ao impacto que a televisão tem sobre as crianças, obedece a múltiplos fatores: o tempo que elas presenciam, a idade, a personalidade, se assiste sozinho ou com adultos, e se os pais conversam com os jovens sobre o que é mostrado na televisão.

É o caso do filósofo francês, Louis Althusser (citado por Poster, 2000), que no seu

importante ensaio “Ideology and Ideological State of Apparatus”, denigre logo a força decisória dos media como o aparelho de comunicação que ordena a todos os cidadãos doses diárias de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo, etc, através da imprensa, da rádio e da televisão. Para o filósofo Althusser, os media não são determinismos tecnológicos, são antes emanções de uma ideologia burguesa dominante, que reflete o lugar da classe da burguesia no modo de produção capitalista.

A televisão pode alterar o desempenho das aprendizagens cognitivas, retira o tempo que as crianças precisam para as atividades cruciais e para o desenvolvimento psicológico e físico. A globalidade do tempo livre dos jovens, especialmente durante os primeiros anos de educação, deve ser gasto em atividades como brincar, ler, explorar a natureza, aprender sobre música ou participar em desportos. Ver televisão é um dinamismo sedentário, e tem provado ser uma causa significativa na obesidade infantil. Refiro que entre os sete e os doze anos as crianças são obesas, devido ao tempo gasto em frente à televisão. Devido à ausência de passatempos mais ativos, as crianças recorrem aos vídeo jogos idealizados para consolas ou mesmo computadores, entre outros.

Assim, os telespectadores sentem uma sensação instantânea de relaxamento quando começam a ver televisão, mas essa sensação desaparece com a mesma rapidez quando o objeto é desligado.

As crianças de hoje são bombardeadas com mensagens ilusórias, imagens de televisão e em todos os meios de comunicação, publicidade, músicas, filmes e Internet. Com a introdução incipiente das super auto-estradas de informação, voltou-se a iniciar a questão se a internet e a realidade virtual abrem a possibilidade de novos tipos de interatividade.

As tecnologias de comunicação e informação, na sociedade em rede não se substituem umas as outras, pelo contrário, criam ligações entres si. A televisão comunica com a internet, com os SMS ou com os telefones, assim como a internet oferece conectividade a todos os *mass media*, telefones, milhares de emails e páginas pessoais institucionais na Web. A sugestão do sociólogo espanhol, Manuel Castells é que escreve-se e ouve-se música pela internet, mas escuta-se a vida pela rádio e vê-se o mundo pela televisão.

Os educadores costumam preocupar-se sobre o quanto essas mensagens são prejudiciais ou saudáveis. A televisão pode ser uma poderosa ferramenta para educar sobre as responsabilidades e os riscos do comportamento sexual, no entanto tais questões raramente são mencionados ou tratadas de forma significativa em programas televisivos, ou mesmo nas áreas curriculares, onde não existem disciplinas com tal conteúdo programático. Assim, as crianças assumem que a televisão é um passatempo encantador e interessante. O estímulo visual é selecionado pelas crianças em paralelo com qualquer outro media.

Números recentes demonstram que os adolescentes assistem televisão em média quatro horas por dia. Estes dados são superiores aos dados de há alguns anos. Foram realizadas algumas alterações no estilo de vida e feito um aperfeiçoamento dos progressos tecnológicos que podem explicar este incremento.

Será bom para as crianças ver Televisão? Embora seja amplamente notório que a violência sempre houve, nunca antes se considerou tão nítida como aquela que agora passa na televisão. Certamente, a televisão não é 100% culpada do comportamento de algumas crianças hoje em dia mas, na minha apreciação, é um dos primordiais causadores. Inevitavelmente quando a televisão está ligada é provável assistir a vários crimes, desde atentados de terrorismo, agressões, até qualquer simplificação de atitudes incorretas na sociedade, tomadas, quer da ficção quer da vida real, em filmes ou em telejornais.

Árduo é para os adultos evitar a captura de pelo menos um vislumbre inconsciente a essas cenas terríveis e desprezíveis, muito menos para qualquer tipo de adolescente, cuja curiosidade é gigantesca. Do meu ponto de vista, o aumento das taxas de criminalidade juvenis nas últimas épocas deve-se muito ao aumento de audiências na televisão através de violência, sexo e drogas. Deixando de lado os agentes económicos e sociais que irreversivelmente levam as crianças a comportamentos por vezes malévolos, é também claro que a Televisão incentiva as crianças a proceder a muitas boas ações. Só no final da puberdade e adolescentes nos seus vinte anos apercebem-se da dissemelhança entre os programas recentes e os programas de TV que costumavam assistir enquanto crianças.

Uma vez que a televisão é um mestre tão influente e dominante, é a origem principal de informações sobre uma grande variedade de coisas. Os indivíduos hoje estão muito mais informados sobre os acontecimentos da atualidade que moldam a sociedade e a cultura em que estão inseridos. Essas informações são conduzidas não só através de telejornais, como também através de programas de entretenimento. Apresentações dramáticas de teses sociais, como violência familiar, distinção racial e outras amplificam a conscientização desses problemas e podem até incentivar afluências para abordá-las. Observa-se que muitos desses efeitos positivos, ainda que prolixos na doutrina, são na verdade minúsculos na prática. Quase todos os perspicazes lamentam a falha reiterada da televisão em afetar o seu potencial na mutação desses benefícios na sociedade. Sabemos que uma criança precisa de atenção, ponderação e experiências enriquecedoras em cada estágio da sua evolução. Os adultos têm imensa relevância no modo como as crianças encaram a vida e, seguramente, a televisão cumpre um papel de grande comprometimento.

Hoje em dia, os adultos tendem a trabalhar até tardiamente e, concludentemente, a chegarem mais tarde aos seus lares. Assim, as crianças passam mais tempo fora de casa. Quando regressam a casa encontram-se todos num estado de cansaço, os pais têm de tratar das tarefas familiares e, enquanto isso, as crianças assistem televisão ou permanecem no computador. Para as famílias torna-se confortável que os filhos se mantenham entretidos, pois só assim conseguem efetuar todas as tarefas apressadamente. Na minha opinião, penso que não restam hesitações de que a televisão exercita efeitos negativos e positivos sobre o que são as crianças.

As crianças estão interseridas diariamente numa circunstância que influencia o modo como estas observam os programas televisivos. O contexto em que os adolescentes vêm os programas, segundo a sua idade, o seu sexo, as suas capacidades, o progresso cognitivo, social e emocional, a via familiar são conhecidos pelos autores que persuadem baseados na forma como as crianças colhem a informação.

Quanto às consequências negativas da televisão, a colisão dos jovens com a violência, é talvez o maior desconforto sentido pelos pais, docentes e comunidade em geral. Toda a criança é única e os resultados negativos não se refletem em todas. Sendo o seu ambiente familiar a primordial oportunidade de observação de

programas televisivos, a tarefa dos pais é essencial na seleção do que possibilitam os filhos a ver e de forma como eles vão interpretar o que vêem.

As programações educativas podem permitir as crianças receber novos conhecimentos acerca do que os rodeia, no entanto a presença de um adulto durante o visionamento dos conteúdos televisivos poderá melhorar essa experiência significativamente. Esse acompanhamento permite auxiliar as crianças a interpretar os programas, responder-lhes às dúvidas e orienta-las durante o tempo que permanecem sentadas à frente da televisão, criando assunto e estimulando o diálogo entre pais e filhos.

Para finalizar, saliento que os meios de comunicação, especialmente a televisão, representam um papel importante no lar quanto à formação de indivíduos, tendo a informação um papel importante nesse processo. A televisão é um meio de comunicação muito presente no quotidiano da sociedade, acompanha todas as faixas etárias no ambiente familiar, com diferentes graus de influência no seu comportamento e personalidade. Enquanto o cinema é uma atividade menos recorrida, surge como uma fuga à rotina e permite experienciar uma diferente arte de composição visual, com emoções e perceções que não são inteiramente veiculadas pela televisão.

1.2. Educação para os Media

As crianças são naturalmente curiosas e estimuladas a brincar, jogar e aventurar-se na procura de informação. Sendo que as tecnologias digitais, em particular a Internet, são um dos meios mais usados para esse fim. Os meios multimédia invadiram o quotidiano das crianças em diferentes contextos, seja na escola, em casa ou nos tempos livres.

Os recentes media apresentam momentos e impulsos para a promoção da literacia mediática, pois com eles as crianças brincam entre si e fazem juízos críticos acerca das suas realizações.

Consideradas consensualmente como uma das marcas e recursos mais importantes das sociedades contemporâneas, com repercussões sociais e económicas inegáveis, as tecnologias de informação e comunicação constituem uma influência que requerem novas competências e muito específicas, não podendo dispensar, por exemplo, a envolvimento na escola, principalmente no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo a Professora Maria del Rosário Luna (2008), da Universidade de Buenos Aires Argentina, o ensino audiovisual amplifica o registo quase exclusivo da língua e da escrita, já que ele solicita um pensamento diferente, o da simbologia audiovisual. Este ensino possibilita a conceptualização dos códigos de uma das formas de comunicação por excelência no presente. Mesmo o conceito de inteligência está associado à capacidade de resolver problemas lógico-matemáticos, memorização de dados e articulação de símbolos linguísticos. A escola tradicional deixa de parte a sua conceção, a inteligência dos eventos relativos ao domínio expressivo, a comunicação, o simbolismo expressivo e o manuseamento de novas Linguagens.

Para Maria Luna (2008) o ensino audiovisual promove essa educação integral, já que pode desenvolver as distintas competências dos sujeitos que estão envolvidos nela. Trata-se de uma tarefa criativa, que exige uma resolução com respostas singulares. Também é uma manifestação coletiva, realizado com papéis diferentes que requerem competências e capacidades diferentes. O processo de realização

audiovisual requer outro tipo de tarefas, como a participação social, a comunicação interpessoal e a gestão de meios. Segundo Maria Luna (2008) um bom aluno tem apenas desenvolvidos hábitos de estudo relacionados com a leitura e a escrita.

A educação para os Media surge como forma de auxílio das gerações mais novas, principalmente da década de 70. A criança era vista como indefesa, desprotegida, fortemente influenciável e vulnerável face aos conteúdos mediáticos. As crianças precisavam de ser protegidas contra os exequíveis efeitos negativos dos media.

O Professor da Universidade do Minho Manuel Pinto (2011) afirma que este discurso ainda está fortemente presente na legislação e está relacionado com a abertura do Mercado a privados nos anos 80 e 90. Temos a mesma postura de hoje em relação à internet, pode e deve ser comparada com o passado principalmente com as preocupações relacionadas com os efeitos da televisão e vídeo-jogos nas gerações mais novas.

De acordo com a legislação de 2007/65/CE, a educação para os Media tem como objetivo o desenvolvimento de competências, conhecimentos e compreensão relativos aos meios de comunicação para que os consumidores sejam capazes de os utilizar de forma eficaz e segura.

Considera-se assim que, as pessoas educadas para os media devem ser capazes de fazer escolhas informadas, compreender a natureza dos conteúdos e serviços e tirar partido de toda a gama de oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias digitais. Relativamente às questões de segurança, devem também estar mais aptas a protegerem-se, e a protegerem as suas famílias contra materiais perigosos.

Segundo a recomendação da Comissão Europeia (2009, p.10): “a literacia mediática é uma questão de inclusão e de cidadania na sociedade da informação de hoje. É uma competência fundamental, não só para jovens, mas também para os adultos e pessoas de idade, pais, professores e profissionais do meio da comunicação social e das artes visuais. Graças à internet e à tecnologia digital, é cada vez maior o número de europeus que pode agora criar e divulgar imagens, informação e conteúdos. A literacia mediática é hoje considerada umas das condições essenciais

para o exercício de uma cidadania ativa e plena, evitando ou diminuindo os riscos de exclusão da vida comunitária”.

Segundo o Professor Manuel Pinto (2011), a Educação para os Media está relacionada com “o conjunto de conhecimentos, capacidades e competências relativas ao acesso, uso esclarecido, pesquisa e análise crítica dos media, bem como as capacidades de expressão e comunicação através desses mesmos media.”

Um outro facto vem confirmar a importância dos media. A jornalista britânica Lucy Kellaway (2011) referiu no seu artigo, denominado “Palavras escritas já eram! Empresas na idade do vídeo”, que a comunicação abdicará de ser escrita em emails. Será endereçada em filme e exibida em vídeo. As empresas começam a despedir-se do mundo escrito. As representações transmitidas pelos meios de comunicação, como por exemplo o YouTube, são mais fortes do que a mensagem escrita. O vídeo começou de forma tímida e agora representa quase metade do tráfego da Internet. Segundo Lucy Kellaway (2011), o novo líder terá de ser um contador de histórias, um ator que para além de dar o exemplo, o seu papel terá consequências nas organizações.

Mas, a educação para os Media pode desenvolver-se em vários contextos, nomeadamente na educação e na comunidade escolar. Por um lado, a escola é o local propício para desenvolver a educação para os Media e, por outro, no contexto extra-escolar podemos ter outros eventos privilegiados para as iniciativas que utilizam os meios de comunicação como recurso.

O Professor Manuel Pinto (2011) atribui que a utilização dos Media como recurso de aprendizagem ou como auxiliar pedagógico-didático é a forma de abordagem dos media mais presente em alguns contextos escolares. Mas, segundo o próprio autor, a utilização dos media no processo de aprendizagem nem sempre se orienta por objetivos de educação para os Media. De facto, aprender através dos media não é o mesmo que aprender acerca dos media. Por vezes os media apenas são utilizados para ilustrar ou para explicar um determinado conteúdo programático. Desta forma, a abordagem do media deverá ser encarada como objeto de estudo e como meio de expressão/comunicação e produção.

Para o Professor Manuel Pinto (2009) a abordagem dos media deverá contemplar três grandes vertentes:

- os media como campo ou objeto de estudo com o principal objetivo de aprender acerca dos media;
- os media como meio de comunicação ou de expressão e de produção (valorizando a vertente de produção, aprende-se a utilizar os media);
- os media como recurso diversificado que pode contribuir para o enriquecimento do processo educativo, isto é, aprender com/através dos media.

Outro aspeto a ter em conta é a forma como os educadores encaram as novas tecnologias. Do ponto de vista do Professor da Universidade do Minho, Nelson Zagalo (2011), os educadores devem perder os seus medos, olhar para tecnologia de forma positiva e ultrapassar as resistências na aplicação das “novas” ferramentas tecnológicas ao nível pedagógico. Muitas vezes constata-se que educadores olham o ensino de forma “estática” pronta a ser servida e onde a avaliação não é mais que um teste de memorização. Segundo Nelson Zagalo (2011), o ensino reflexivo mostra que a educação “estática” deve ser substituída por uma educação baseada na ação, de forma multidirecional e mais abrangente, podendo-se considerar que a aplicação de ferramentas complementares a nível tecnológico pode contribuir para que haja uma maior evolução nas aprendizagens dos alunos e na compreensão desses conteúdos.

Em relação aos perigos, o Professor Manuel Pinto (2011) fala também dos conteúdos que circulam na internet e noutros media. Refere que não basta analisar os conteúdos e ver o quanto são prejudiciais ou se são benéficos para as crianças e jovens. A questão não passa somente por perceber o que os media fazem às pessoas mas sim o que as pessoas fazem com os media. Desta forma, a abordagem ativa dos utilizadores deve ser desenvolvida em paralelo com a abordagem dos direitos humanos, nomeadamente os direitos das crianças.

Em Portugal é possível referenciar as primeiras pesquisas, estudos e artigos relacionados com experiências baseadas em atividades práticas em contexto escolar.

Ferramentas como a Animação podem ser umas das soluções para criar uma ponte entre o currículo escolar e as dificuldades pedagógicas que enfrentam muitos alunos.

Num futuro próximo, espero que o cinema de animação seja usado como ferramenta de produção pedagógica, afinal esta linguagem pode dar às crianças outras formas de comunicar com o mundo que as envolve tal como pode tornar-se uma ponte para chegar a outros lugares. Apresenta possibilidades de criarem a sua identidade e mostrarem a sua sensibilidade sobre assuntos e relações.

A importância da literacia mediática aplicada nas escolas tem sido evidenciada, de forma mais ou menos explícita, desde a Declaração de Grünwald sobre a Educação para os Media, de 1982. Na última década, muito especialmente a partir de 2006, a União Europeia tem refletido sobre a literacia mediática, particularmente no âmbito das políticas europeias para os Media.

O início do processo coincide com a criação, em 2006, de um grupo de peritos europeus em literacia mediática (do qual fez parte o Professor Vítor Reia-Baptista, da Universidade do Algarve), com a finalidade de definir objetivos e tendências, tal como destacar e promover boas práticas e propor ações neste domínio. Esse grupo de peritos validou, após consulta pública a especialistas dos estados-membros (organizações e empresas de media, instituições de ensino formal e não-formal, fornecedores e produtores de conteúdos, instituições culturais e de investigação, reguladores e associações de cidadãos e consumidores). No último trimestre de 2006, apresentou-se uma definição europeia de literacia mediática: Literacia mediática é a capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspetos dos media e dos seus conteúdos, e de criar comunicações em diversos contextos.

Esta definição consta da Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: uma Abordagem Europeia da Literacia Mediática no Ambiente Digital, de 20 de Dezembro

de 2007. No mesmo documento afirma-se que “a abordagem europeia da literacia mediática deve abranger todos os media” e consideram-se vários níveis de literacia mediática:

- Estar à vontade com todos os tipos de media, desde jornais a comunidades virtuais;
- Utilizar ativamente os media, nomeadamente através da televisão interativa, dos motores de pesquisa da Internet ou da participação em comunidades virtuais, e explorar melhor as potencialidades dos media entretenimento, acesso à cultura, diálogo intercultural, aprendizagem e aplicações quotidianas;
- Ter uma visão crítica dos media no que respeita tanto à qualidade como ao rigor do conteúdo;
- Utilizar criticamente os media, atendendo a que a evolução das tecnologias dos media e a presença crescente da Internet como canal de distribuição permitem que um número crescente de europeus crie e difunda imagens, informação e conteúdos;
- Compreender a economia dos media e a diferença entre pluralismo e propriedade dos media; Estar consciente das questões dos direitos de autor, essenciais para uma “cultura de legalidade”, em especial para os mais novos, na sua dupla qualidade de consumidores e produtores de conteúdos;

(Comissão das Comunidades Europeias, 2007)

O Conselho da União Europeia, nas Conclusões do Conselho de 22 de Maio de 2008 sobre uma Abordagem Europeia da Literacia Mediática no Ambiente Digital, reconhece “a importância da literacia mediática e o seu papel na promoção da participação ativa dos cidadãos na vida económica, cultural e democrática da sociedade” e “a importância dos utilizadores com literacia mediática para o pluralismo dos meios de comunicação e para a qualidade dos conteúdos”.

No mesmo texto é também recomendado, aos estados-membros, a abertura de espaço para debate acerca da inclusão da educação para os media no currículo obrigatório e destacado que “o papel desempenhado pelas autoridades locais é também muito importante, dada a sua proximidade aos cidadãos e o apoio dado a iniciativas do sector do ensino não-formal. A sociedade civil deverá igualmente dar um contributo ativo para a promoção da literacia mediática, segundo o modelo ‘da

base para o topo”.

Em conclusão, a expansão dos media tem um impacto positivo no acesso à informação e apela a um novo papel da escola e dos professores. Hoje é essencial ensinar a pesquisar, a organizar a vasta quantidade de informação a que acedemos, muitas vezes em vários formatos e estilos, e sobretudo a desenvolver o sentido crítico. O professor já não é a fonte essencial de informação, mas continua a ter um papel decisivo, sobretudo na organização das aprendizagens. A formação de cidadãos ativos, responsáveis e capazes de intervir no mundo em que vivemos é hoje vital. E os media são decisivos como fonte de aprendizagem, mas também como meio de produção e difusão de informação. Neste plano, coloca-se a importância cada vez crescente do desenvolvimento da responsabilidade de cada um. Assistimos muitas vezes ao uso abusivo dos media em determinadas publicações, por exemplo em blogs, em que se verifica grande falta de cuidado, não só no modo como se comunica, mas sobretudo na forma como se divulgam informações perniciosas para o bom nome de pessoas.

2 – O Cinema na Escola

2.1. A Pedagogia através do Cinema

Em 1895 os irmãos Lumière apresentaram pela primeira vez uma sessão do cinematógrafo, na altura estariam longe de acreditar nas potencialidades que esta invenção traria para a pedagogia. O cinema, convergente de diversas artes, foi durante muito tempo objeto de reflexão. Foi durante o final do século XIX e os inícios do século XX que alguns autores falaram nas possíveis finalidades educativas. Em 1898, o cinematógrafo foi reconhecido por Boleslaw Matuszewsky como uma ferramenta de aprendizagem para o ensino da História, este passaria a ser um objeto ao serviço da ciência e do progresso. Em 1904, o jornalista checo Karel Scheinpflug aborda também esta temática, mostrara-se cético quanto à eficácia das funções pedagógicas do cinematógrafo. Já Charles Urban, em 1907 defendeu o cinematógrafo como um instrumento científico e educativo.

O cineasta Thomas Edison tinha uma visão clara e objetiva da capacidade do cinema em adaptar-se ao longo dos tempos e intervir na educação. Sendo um criador e explorador de patentes de diversos aparelhos ligados à ótica e imagem em movimento, Edison referia-se à imagem animada no seu todo, mas expressa num meio que viria a consolidar-se como uma forma de arte, que é o Cinema.

O cinema tornou-se um poderoso meio de comunicação e abriu portas para inúmeras potencialidades pedagógicas, o que o tornou objeto de interesse em alguns países que desenvolveram deste então um extenso trabalho na área da pedagogia fílmica.

Numa dissertação sobre o cinema em contexto escolar, Pedro Félix aponta alguns exemplos fundamentais quando nos referimos a uma pedagogia através da imagem. Indica o National Film Board, no Canadá, que desde a sua criação teve uma ação pedagógica bastante ativa, tornando-se “num caso ímpar da pedagogia fílmica no mundo”. Refere igualmente o British Film Institute, que desde 1933 tem desenvolvido ações com vista a promover uma pedagogia fílmica, traduzido na criação de

materiais pedagógicos e formação de professores, assim como a abertura de um curso experimental de cinema para alunos do secundário. Por fim, o autor indica o caso da França, onde o Centre National de la Cinématographie e a Cinémathèque Française investiram na formação e sensibilização de crianças e jovens para a arte cinematográfica desde a década de 80, sendo uma referência importante a inclusão de uma opção artística de Cinema e Audiovisual nos três últimos anos do ensino secundário.

2.2. O Cinema na Escola em Portugal

Desde o final da década de 1910 que existem referências à utilização do cinema em Portugal, dando ênfase a uma preocupação dos governos da primeira república em valorizar o cinema na sua vertente educacional. Depois de 1926, o cinema passou a ser utilizado como instrumento de propaganda do regime fascista, a escola foi considerada como um dos mais poderosos meios de transmissão das doutrinas do governo.

Segundo Pedro Félix, “o esforço mais evidente de iniciar uma aprendizagem da linguagem cinematográfica, surgiu da iniciativa de Roberto Carneiro enquanto ministro da educação do XI governo constitucional, quando propôs a criação de videotecas escolares, construída metodicamente, numa coleção chamada “Os Filmes na Escola”

Nesta legislatura foi criado um Grupo de Trabalho de Cinema e Audiovisual, que iniciou uma reforma do ensino artístico onde o cinema ocuparia um lugar de destaque, definindo-o como disciplina opcional no 3o ciclo e secundário. Para o secundário foi proposta a criação das disciplinas no 10º ano de Iniciação à Linguagem do Cinema e Audiovisual, História do Cinema Mundial e Cinema Português, e Evolução Estética e Sociológica do Cinema e Audiovisual no 12º ano. Também resultante deste grupo de trabalho, o programa “Cinescola” previa a criação de parcerias entre as salas de cinema e as escolas para divulgação do cinema europeu.

Segundo Pedro Félix, “um dos mais ambiciosos projetos do começo do século XXI

em Portugal (...) Não há registo de outra experiência nacional como a da criação da disciplina de Cinema, no que concerne às possibilidades de crescimento e de ligações dentro da Educação para os Media”

Esta afirmação refere-se a uma das conclusões de um estudo da Universidade do Minho que incluiu este projeto num estudo sobre a educação pelos média em Portugal. Apesar de ser um projeto a nível regional, configura-se atualmente como um dos mais abrangentes na área da pedagogia fílmica.

2.3. O Cinema no Currículo das Disciplinas de Artes Visuais no Ensino Secundário

O cinema é um meio integrador de diversas artes, e faz parte da história da cultura e das Artes, ele torna-se um meio poderoso para a abordagem de conhecimentos, conceitos e valores ligados ao desenvolvimento das sociedades. Ao mesmo tempo, o estudo da sua linguagem técnica e posterior experimentação prática, fornece aptidões para a compreensão e decodificação das mensagens visuais, sob diversas formas, que fazem parte da vida das crianças e jovens.

O cinema surge enraizado de uma forma intensa na cultura visual dos jovens em Portugal. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística referentes ao período entre 2006 e 2010, foi o hábito cultural mais consumido pelos portugueses, em particular pelos jovens, atingindo um número superior a 160 000 espetadores por ano só em 2010.

Nos currículos do ensino secundário, o cinema, não sendo uma área curricular, encontra-se integrado nos currículos das disciplinas de artes visuais. Enquanto surge como conteúdo em algumas disciplinas; noutras é indicado como recurso para a abordagens de alguns conteúdos. O grupo de Artes Visuais é composto por nove disciplinas divididas pelos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais, Ciências e Tecnologias e de Línguas e Literaturas, pelos Cursos Tecnológicos de Equipamento, Multimédia e pelos Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro ou de outras áreas, conforme a oferta da escolar.

3 - Reflexão sobre as Artes Visuais na Escola

Os organismos europeus envolvidos na educação estão conscientes da inevitabilidade que é a presença frequente dos meios tecnológicos no dia-a-dia desta faixa etária (15-17 anos) sem qualquer tipo de mediação externa. Na recente conferência Internacional “L’ Education aux Médias Pour Tour” foi enfatizada a ideia de desenvolver em todos os cidadãos europeus uma cultura mediática, onde o acesso aos media e a promoção de uma política educativa deve privilegiar a formação e a utilização de modo ativo dos diversos meios audiovisuais. Estes meios conquistam uma maior importância no desenvolvimento cognitivo dos jovens.

As disciplinas relacionadas com a educação artística apresentam uma formação que privilegia a exploração de novos meios com fins académicos, como fornecem um espaço fundamental para desenvolver as aprendizagens significativas nos alunos.

No âmbito do trabalho realizado evidenciou-se uma procura constante para a identificação de como o grupo de professores de Artes Visuais observam o cinema como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, valorizando as novas metodologias de trabalho presentes na sociedade, com vista a proporcionar uma melhor aprendizagem por parte dos alunos. Torna-se essencial identificar a forma como os alunos se relacionam com os conteúdos audiovisuais, neste caso mais especificamente com o cinema e a multimédia.

Realizada a prática de ensino supervisionada, foi possível refletir acerca dos resultados obtidos numa lógica de comparação entre as duas escolas, com âmbito a desenvolver uma literacia mediática e fílmica nos alunos inseridos no contexto desta prática. Como futuro professor de Artes Visuais, esta intervenção tem total interesse, tendo em conta que permite-me agir e desenvolver projetos nas escolas utilizando o Cinema.

“Não apenas se vê de maneira diferente, mas vê-se outra coisa. Em cada maneira nova de visão, cristaliza um novo conteúdo do universo.”

Heirich Wölfflin, historiador da arte (1864-1945)

O homem contemporâneo reside num cenário onde a maioria dos conteúdos são produzidos para serem vistos, a prevalência da imagem é cada vez uma maior constante no quotidiano da sociedade. Estas imagens chegam-nos através dos crescentes veículos de comunicação em massa, como os cartazes, os computadores, a televisão, o vídeo, o DVD e o cinema. Os novos media trouxeram uma democratização da imagem e da palavra e possibilitaram à sociedade um maior acesso à informação. A grande quantidade de exposição diária a que somos sujeitos, de palavras e imagens apelativas que nos provocam estímulos, aparecem com o objetivo de gerar consumo.

Para estas palavras e imagens comunicarem significativa e viavelmente, têm que ser trabalhadas e repensadas. A maior parte do processo de aprendizagem dos alunos depende fortemente das suas capacidades de leitura e escrita, logo estas são vistas como atividades essenciais.

Ao longo dos últimos anos tem-se enfatizado a forma como a imaginação faz parte do conhecimento humano e como estimula a aprendizagem. A ciência nunca existiu sem imaginação, nem a arte sem a cognição. O que se pretende é que as disciplinas de Artes Visuais sejam reconhecidas pela promoção de meios de reflexão importantes à escola e à sociedade.

O conhecimento da arte contribui, juntamente com os currículos das diferentes áreas, para uma maior inclusão do aluno no mundo, na cultura e nas relações sociais. A arte é o lugar da experimentação, tanto da criação quanto da apreciação, permite-nos dialogar com diversas culturas. Para que os conhecimentos adquiridos nas aulas de artes sejam significativos para as vidas dos alunos, as aprendizagens artísticas precisam estar em sintonia com os projetos pedagógicos das escolas, ou seja, que estimulem e habilitem os jovens a dominar novas tecnologias, o trabalho em equipa, a expressão da linguística e o desenvolvimento do espírito crítico.

As artes visuais são mais do que um grupo de disciplinas, estas contribuem fortemente para a formação, o caminho está na compreensão da leitura e da escrita como vias de acesso ao saber, como procedimentos que estimulam a produção de sentidos e que promovem práticas estéticas nos alunos. A leitura e a escrita nas aulas de Artes são, por lógica, práticas para satisfação pessoal e transformação dos alunos em todos os sentidos.

Ler imagens consiste na análise e crítica de obras de arte, de objetos culturais ou de trabalhos explorados e realizados na sala de aula, na leitura de imagens de diferentes linguagens (pinturas, fotografias, desenhos, cartazes, entre outros), na apreciação de atividades coletivas, como interpretação de vídeos com reflexão crítica, criação de *storyboards* e até o uso de técnicas de expressão em diferentes linguagens. No entanto, ler Artes é também ler textos verbais: biografias, catálogos de exposição, críticas de produções cinematográficas e teatrais, textos sobre a história e cultura da arte, reportagens e outras fontes de informação que se refiram aos objetos culturais com os quais trabalhamos e convivemos.

Podemos julgar que o desenvolvimento da criatividade pode contribuir para a autonomia crescente do aluno de hoje e do homem de amanhã, se o objetivo principal da educação for o de ajudar o estudante a tornar-se uma pessoa plenamente desenvolvida, tanto no domínio intelectual, como no emocional e social. Se a educação deve desenvolver as potencialidades humanas, é justo que também estimule uma das aptidões mais características do Homem: a sua capacidade de criar e inovar a partir de situações comuns.

No entanto, o aluno criativo raramente tem oportunidade de expressar o seu potencial criativo na sala de aula. A Educação Artística muitas vezes é confundida com a mera aplicação de um conjunto de técnicas que, normalmente, conduzem a formas estereotipadas ou convencionais de representação.

A educação em Arte Visuais deve possibilitar o equilíbrio entre a mão e o espírito, entre o fazer e o ser. O fazer, só por si é puramente tecnicista. A expressão revela o ser, com todas os seus potenciais criativos, toda a sua prática continuada, intensificando e esclarecendo fenómenos subjetivos. Assim, a criatividade é um ponto alto da expressão.

Segundo o investigador e professor João Fróis (2005): “A relação entre Arte e Educação, deve ser observada a partir de dois pontos de vista distintos: por um lado, procura-se enaltecer socialmente o domínio artístico e, por outro, existe uma desvalorização curricular e científica. Importa refletir sobre esta ambivalência que se reporta à evolução dos próprios modelos educativos. Constatamos que existem três

fatores que têm determinado a secundarização da Arte na Educação. O primeiro fator é marcadamente hedonista, já que encara a Arte como um modelo de entretenimento, uma ocupação frívola que é passível, em meio escolar de escolha opcional. Não proporcionando ‘desenvolvimento visível’, a Arte proporciona prazer. O segundo fator é pautado pela premissa da genialidade, particularmente inerente a dotes individuais. O génio artístico revela-se como uma exceção à regra, o cientista surge antes do artista, e o biólogo e o matemático, antes do poeta e do músico. O legado positivista não constitui certamente o único fator de afastamento da Arte do mundo educativo. As capacidades que envolvem a produção do objeto artístico, esse dom da criação genial que só os artistas têm – a facilidade para adquirir uma técnica, personalizando-a, conferindo-lhe uma unidade de estilo – causam polémica nos discursos sobre o papel da Arte na Educação. O terceiro fator prende-se com o não reconhecimento da importância da Arte para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos indivíduos. Os protagonistas de certo tipo de ensino, negam frequentemente, à expressão criativa e à capacidade imaginativa a possibilidade de gerar pensamento e conhecimento, porque, ao contrário do que acontece na ciência, na Arte não há nada de significativo a aprender!”

Torna-se importante destacar que para João Fróis (2005) não são apenas Homens e educadores, mas também os profissionais implicados em várias áreas de interesses e atuação fora da escola. Consideramos portanto essencial para o crescimento individual de um professor, manter uma vida intelectual ativa e interventiva fora do meio de ensino onde vive. Não é menos importante criar uma juventude sensível à percepção e memória visual, ativa, criativa, inovadora, interventiva, motivada para a cultura – fruto de uma mentalidade aberta, crítica e expressiva.

O Professor António Nóvoa (2007) defende que “nas sociedades contemporâneas, a força de uma profissão define-se, em grande parte, pela sua capacidade de comunicação com o público”, o que indica que na sociedade atual o desempenho de um professor vai mais além do que o seu trabalho dentro da escola, procurando um certo estatuto e reconhecimento social.

O professor é um conhecedor e transmissor de valores, estes valores que escolhidos num determinado contexto educativo devem articular-se com as necessidades educativas existentes. O que é também uma preparação do professor

para certas situações decorrentes no ensino. É deveras importante que a formação de futuros professores deva desenvolver atitudes de investigação e constante questionamento, abertura à experimentação e à inovação. O que permite ao professor avaliar constantemente as suas técnicas de ensino, ideologias e passagem de conhecimentos.

A escola, além das transmissões e das aquisições de conhecimento, têm a missão de educar para os valores através da implementação de metodologias cooperativas que intervenham ao nível dos comportamentos e das atitudes.

1 - PES 1 – Estremoz (re)perspetivar



Figuras: 1 a 10

1.1. Caracterização do Meio Envolvere & Escola

A Escola Secundária da Rainha Santa Isabel é uma Escola Pública situada na cidade de Estremoz. Cidade Alentejana, sede de concelho, Estremoz é conhecida pela “cidade branca” do Alentejo, em parte devido à grande exportação de mármore, um feito bastante antigo que faz com esta região contribua em 90% para o facto de Portugal ser o segundo maior exportador de mármore do mundo. O concelho de Estremoz integra o subgrupo de municípios do Alentejo Central de que fazem parte Alandroal, Arraiolos, Borba, Évora, Montemor-o-Novo, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Sousel, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa.

A Escola Secundária da Rainha Santa Isabel de Estremoz (ESRSI) é uma Escola de Serviço Público, sendo sede de um concelho com uma área aproximada de 513,8 km².

A elevação deste estabelecimento deu-se no ano de 1930, à categoria de Escola Industrial, sendo-lhe atribuída a designação oficial de Escola Industrial António Augusto Gonçalves. O número de alunos inscritos, nesta altura, rondava os quarenta.

No ano de 1962 deu-se a conclusão das obras de um novo edifício escolar. Dois anos depois, mais precisamente no dia treze de Abril durante o mandato do Diretor Peres Claro, e graças a muitas diligências suas, é inaugurado o edifício atual, construído de raiz para o efeito. Durante a semana que se seguiu à inauguração, ocorre a transferência de todo o equipamento e material para o novo edifício. O número de alunos matriculados era então cerca de seiscentos e cinquenta.

No dia dois de Abril de 1987 sai a Portaria que define a nova designação da Escola Secundária da Rainha Santa Isabel e dois anos depois entra em vigor o novo modelo de gestão, que obrigou à reformulação de alguns órgãos intermédios de gestão.

A Gestão Flexível de Currículo é implementada, no sétimo ano de escolaridade, no ano letivo de 2000/01. A escola torna-se, assim, a primeira escola Secundária da Direção Regional de Educação do Alentejo com esta nova modalidade curricular.

A implementação do projeto TurmaMais aconteceu no ano letivo de 2002/2003. Este projeto tinha como objetivo reduzir o insucesso o que sucedeu logo no primeiro ano com o sétimo ano de escolaridade. O insucesso foi reduzido de 38% para 16%. A escola foi fruto de uma ampliação no ano letivo de 2005/06.

No ano letivo de 2007/08 iniciou-se o Contrato de Autonomia celebrado com o Ministério de Educação. A Escola Rainha Santa Isabel foi uma das várias escolas secundárias a sofrer um processo de requalificação e remodelação através da empresa Parque Escolar, o que se verificou entre Julho de 2009 e Dezembro de 2010.

A Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz é uma instituição do Ministério da Educação, integrada na Direção Regional de Educação do Alentejo, herdeira das antigas escolas: Escola de Artes e Ofícios; Escola Industrial António Augusto Gonçalves; Escola Industrial e Comercial de Estremoz, presta um serviço público à comunidade da região, em conformidade com a Lei de Bases do Sistema Educativo.

Num mundo em constante mudança e numa sociedade global, os sistemas educativos enfrentam desafios que põem à prova a capacidade de organização da Escola de modo a ser capaz de dar resposta à diversidade da população que a frequenta. Assim sendo, as orientações curriculares de âmbito nacional funcionam como uma fonte inspiradora para a elaboração dos documentos orientadores que regem as políticas educativas de cada escola. No caso da escola, (Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel) o Projeto Curricular de Escola surge, assim, como um documento orientador do desenvolvimento do currículo nacional, reportando-se ao Projeto Educativo, ao Contrato de Autonomia e adequando-se ao meio socioeconómico e cultural da escola e dos seus atores.

O Projeto Curricular de Escola estabelece um compromisso explícito com toda a comunidade educativa no sentido de promover um maior envolvimento de todos os parceiros no processo ensino-aprendizagem, criando condições favoráveis para o tratamento diferencial que a especificidade de cada turma e o perfil de cada aluno o exigem. Seguindo esta linha de orientação, a escola caminha mais segura para a

construção do Projeto Curricular de Turma, respeitando as diferenças e as semelhanças dos alunos bem como, o currículo oculto que cada um transporta para escola, fruto das suas experiências e vivências no seio familiar e social onde vive e cresce.

Assim, a escola deve: promover uma atitude propiciadora da aprendizagem, compatível com uma sociedade em rápida transformação, a nível científico, tecnológico, social e cultural; assumir como vetores fundamentais a qualidade, o rigor e a exigência no serviço que presta e desenvolver o espírito cooperativo, de modo a construir uma autêntica comunidade educativa.

No ano letivo (2010/2011) a Escola Secundária Rainha Santa Isabel era frequentada por 826 alunos, distribuídos pelo ensino diurno e ensino noturno. Fazem parte do ensino diurno o ensino básico e o ensino secundário (cursos científico-humanísticos e cursos profissionais). Fazem parte do ensino noturno os cursos de Educação e Formação de adultos (EFA).

Prestam serviço na escola, para além de duas técnicas superiores, com funções na área dos Serviços de Psicologia e Orientação, 12 Assistentes Técnicos e 30 Assistentes Operacionais, 125 professores, 80 do Sexo Feminino e 45 do Sexo Masculino.

A nível de percentagens de encarregados de educação existe uma percentagem de 79% para sexo feminino (Mãe), 16% para o sexo masculino (Pai), 3% para Outro familiar e 1,9% para o próprio Aluno.

A Associação de Pais visa a defesa e a promoção dos interesses dos seus associados em tudo quanto respeita à educação e ensino dos seus filhos e educandos quer sejam alunos dos ensinos básico ou secundário.

Esta associação foi constituída em Setembro de 2010 e tem a seguinte composição:

Assembleia Geral: Maria José Mira, Águeda Palmeiro, Rui Córias

Direção: José Pais, Luís Maranga, Margarida Morgado, Nuno Rato, Mónica Gonçalves, Joaquim Noruegas

Conselho Fiscal: Maria Aurora Boné, Francisco Brás, Maria Joana Sádio

Pontos Fortes:

- **Projeto TurmaMais**

As muito claras melhorias nos resultados do Ensino Básico, designadamente no que diz respeito à diminuição da taxa de repetência, são o mais claro testemunho da relevância do Projeto. A sua implementação a nível nacional constituiu distinção única não só para a sua criadora como para toda a escola que tem beneficiado de um crédito horário único em todo o país.

- **Atuação do GAAEE**

O Gabinete de Apoio ao Aluno e Encarregado de Educação tem tido um papel fundamental em vários aspetos da vida escolar. Saliente-se, por um lado, o impacto considerável que teve na redução das anulações de matrícula, e, por outro, a capacidade revelada no acompanhamento de alunos merecedores de atenção especial.

- **Papel de relevo da BE/CRE**

Nos últimos anos, a Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos tem trabalhado de forma particularmente eficiente nos domínios da promoção da leitura, dada informação e da dinamização cultural. Constitui inequivocamente um espaço de qualidade.

- **Partilha sistemática**

A partilha de experiências, saberes e materiais entre os docentes é, hoje, uma realidade na nossa escola. Por não se tratar de uma conquista nem definitiva nem perfeita, importa proceder à sua consolidação, reforçando esta aposta.

- **Ambiente de escola favorável**

Globalmente, os atores educativos vivem num ambiente seguro, sereno, propício ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

- **Parcerias e protocolos adequados**

O estabelecimento de protocolos e parcerias, nomeadamente com as entidades empregadoras locais e regionais no âmbito da Formação em Contexto de Trabalho

dos Cursos Profissionais, tem sido uma expressão eloquente da vontade de abrir a escola à comunidade.

- **Organização concertada do projeto de Educação Sexual**

Apesar de um arranque algo hesitante, pode afirmar-se que, na generalidade, os vários projetos no âmbito da Educação Sexual tem provado que é possível trabalhar em conjunto e com várias entidades exteriores, como o Centro de Saúde ou a Unidade Familiar Planície/A.P.F. Alentejo, para propiciar aos alunos espaços de informação e debate, com vista a prevenção de comportamentos de risco nesta área tão sensível.

- **Dinâmica dos Clubes e Projetos**

A atividade dos diversos clubes e projetos nos planos cívicos, culturais, artísticos, científicos e desportivos, atesta da vitalidade da escola. Esta é uma das suas dimensões mais relevantes, ainda mais num tempo especialmente difícil como este em que vivemos.

Pontos Fracos:

- **Taxa elevada de não conclusão do Ensino Secundário em três anos**

Trata-se, muito provavelmente, do principal problema da escola. Apesar de resultar de um complexo de fatores sociais, económicos e de política educacional, o elevado número de alunos que não conclui o Ensino Secundário em três anos não pode deixar de merecer cuidada reflexão. A redução desta taxa não pode deixar de ser considerada uma prioridade para todos os atores educativos.

- **Resultados insuficientes nos exames nacionais do 11º e 12º Anos**

Ainda que a melhoria dos resultados nos exames nacionais dependa de fatores que nenhum estabelecimento de ensino controla minimamente – o grau de dificuldade dos exames, o número de alunos externos que se apresentam ao exame, entre outros –, é indesmentível que, na globalidade, a nossa escola tem ficado bastante aquém da média nacional nalgumas disciplinas. Urge, portanto, mobilizar energias e recursos para tentar encontrar soluções (mesmo que provisórias e sujeitas a

reformulações) para este problema.

- **Desmotivação dos atores educativos**

Embora não atinja todos ou sequer a maior parte dos envolvidos no processo, a desmotivação é visível. De facto, ninguém contesta que há alunos que não estudam, há pais e encarregados de educação que não acompanham devidamente os seus educandos, há professores que não cumprem integralmente as suas funções/obrigações, há funcionários pouco empenhados. A motivação e o trabalho de todos são absolutamente essenciais para a consecução das metas que, em seguida, serão traçadas.

- **Pouca formação nas áreas do pessoal docente e não docente**

A formação para o pessoal docente e para o pessoal não docente tem sido, nos últimos três anos, manifestamente insuficiente para dar resposta às crescentes necessidades e aos cada vez mais difíceis desafios que se colocam a estes profissionais. Como é óbvio, não cabe à escola substituir-se às entidades competentes para facultar essas formações. No entanto, e face à escassez de oferta, a escola deverá procurar rentabilizar os seus recursos humanos, de modo a suprir o melhor possível as insuficiências detetadas.

- **Promoção da discussão do Projeto Educativo**

Apesar de facilmente acessível e de divulgado, por exemplo, no site da escola, o anterior P.E. não era cabalmente conhecido por alguns elementos da comunidade educativa. No futuro, deverá promover-se uma mais ampla discussão das metas e do plano de acção do futuro P.E., de modo a garantir que todos possam trabalhar na sua concretização.

1.2. Caracterização da Turma

A Prática de Ensino Supervisionada foi desenvolvida com a turma F do 10º Ano, na disciplina de Desenho A do curso Científico-humanístico de Artes Visuais.

A turma é composta por 24 alunos a nível de percentagens, temos 66% de sexo Masculino, 33% de sexo Feminino. A idade média dos alunos é de 16 anos e a média escolar do 9º ano é de 3 Valores.

A nível do contexto familiar, onze alunos residem em Estremoz, e os restantes treze alunos moram em diferentes terras, Veiros, Évora Monte, São Domingos Loureiro, Cano, Casabranca, Fronteira, São Bento do Cortiço, Santo Aleixo, Santo Amaro e Vimieiro, saliento que os alunos residentes fora de Estremoz deslocam-se de autocarro até a escola.

A nível dos Encarregados de educação, posso referir que a Mãe está presente em 95,8% dos casos, sendo que o estado civil dos pais é de 73,6% em matrimónio e 21% divorciados.

Posso referir que a nível das habilitações literárias dos pais, temos uma percentagem de 23 % de diplomados pelo ensino superior. Sobre a situação profissional dos pais, temos um leque de 41% desempregados, 37% a contratos temporários e 16,6% pensionistas.

Sobre os seus hobbies, posso referir a Música, Bicicleta, Skate, Desenhar, Futsal, Guitarra, Internet, e inevitavelmente estar com os amigos.

Saliento que existem 7 alunos que pretendem seguir Arquitetura, 2 Música, 1 Arquitecto Paisagista, 1 Design de Moda, 1 Design de Interiores, 1 Engenharia Civil, 1 Carreira Militar e, para terminar, 6 alunos que ainda não sabem.

1.3. Análise da Disciplina de Desenho A

A disciplina de Desenho A inclui-se no curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do Ensino Secundário, e tem uma carga horária semanal de três blocos, dois de 90 minutos e um de 45 minutos, estes que são aplicados nos três anos letivos.

Sobre os objetivos gerais da disciplina de Desenho A, promove-se a comunicação, o domínio e a perceção do desenho de forma eficiente e expressiva. De acordo com as diretrizes do programa, pretende-se que o aluno consiga comunicar, perceber e dominar o desenho, de uma forma produtiva, usando os vários meios expressivos existentes nos dias de hoje.

O programa de Desenho A é constituído por determinadas etapas que traçam o funcionamento da disciplina, tais como: as suas finalidades, objetivos, visão geral das áreas, dos conteúdos e dos temas, sugestões metodológicas gerais, competências a desenvolver, avaliação e recursos.

Sobre as finalidades da disciplina, exige-se o desenvolvimento das competências de observação, interrogação e interpretação, assim como de representação, de expressão e de comunicação. Pretende-se também desenvolver métodos de trabalho individual, colaborativo e cooperativo, observando princípios de convivência e cidadania, desenvolver o espírito crítico, a sensibilidade estética e a consciência histórico e cultural.

Os objetivos da disciplina são os seguintes:

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre perceção e representação do mundo visível.
- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projeto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de

formulação, exploração e desenvolvimento.

- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsavelmente dentro de grupos de trabalho adotando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

O currículo da disciplina de Desenho A divide a disciplina em três áreas: a perceção visual, a expressão gráfica e a comunicação visual. Contendo ainda, uma visão geral dos conteúdos programáticos, designadamente: a visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido. A abordagem de matérias a lecionar de Desenho A deve envolver experiências com multiplicidade de materiais e técnicas, levando o aluno a amplificar o domínio da gestualidade, expressividade e representação do desenho.

Em relação às sugestões metodológicas gerais dever-se-á:

1. Propiciar e fomentar uma interação equilibrada entre a dimensão conceptual e a dimensão prática e experimental do conhecimento e dos saberes, que conduza à assimilação e à consolidação operativa dos conteúdos;
2. Promover uma aprendizagem baseada na diversidade de experiências e atividades, com recurso a diferentes meios, a diferentes processos de trabalho e a diferentes materiais.

No programa da disciplina deparei-me com numerosas sugestões metodológicas para o docente, em termos de alinhamento e diversificação de estratégias de

execução, mas também em termos de relação pedagógica, fortalecendo a uma eficiente didática do desenho no campo do processo de ação ensino-aprendizagem. São apontadas no programa também as competências a desenvolver dentro de uma tricotomia global «Ver-Criar-Comunicar». O aluno estará capaz de observar e criticar com elevado poder de análise, estará competente a utilizar processos e técnicas com conformidade e rigor, conseguirá produzir novas imagens, ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens utilizando a sua criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas.

Em relação, à avaliação da disciplina são objetos de avaliação a aquisição de conceitos, a realização dos exercícios pretendidos e, por último o desenvolvimento de valores e atitudes, ao longo de todos os processos.

Consideram-se instrumentos de avaliação:

1. Os desenhos, concretizações gráficas, ou objetos produzidos no âmbito da disciplina;
2. Os textos eventualmente produzidos (relatórios, recensões, comentários, trabalhos, textos de reflexão, entrevistas);
3. A concretização da disseminação junto da própria turma, escola ou meio (inclui-se aqui a materialização de exposições regulares ou pontuais, formais ou informais, jornal de parede, outras ações eventuais);
4. Provas com carácter prático. Por último o programa da disciplina aborda os recursos indispensáveis para a prática de uma aula de Desenho A. Tais como: estiradores, projetor de diapositivos, televisão e aparelho videogravador, etc.

2 - Introdução – PES 1

A preparação e apresentação desta unidade didática enquadra-se no programa da disciplina de Desenho A. De acordo com o professor cooperante Domingos Isabelinho, foi-me dada total liberdade para propor e desenvolver atividades que considerasse pertinente para a minha investigação da PES.

Decidi chamar a esta unidade didática “Estremoz (re)perspetivar”, com base no produto final desenvolvido para esta unidade. Esta unidade divide-se em quatro pontos principais: a composição visual; o storyboard & planos de visão; o flipbook e o workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual.

Nas aulas de observação, que antecederam a intervenção de PES, pode constatar-se que havia um bom relacionamento entre todos os elementos da turma e também com a professor titular da disciplina. É apenas de salientar a desmotivação generalizada pelas matérias desenvolvidas na disciplina de Desenho.

Um dos pontos altos deste projeto, foi o momento de conhecer e trabalhar com os alunos. Mostraram-se empenhados e recetivos nas atividades realizadas durante as unidades didáticas.

2.1. Aula 1 - Interpretação, Ampliação & Representação

Exercício: Desenho de ESBOÇO prévio; Desenho de AMPLIAÇÃO para A3 através de um modelo (fotografia do castelo de Estremoz)

Figura 11

Esta aula faz parte de uma unidade didática, concebida com o colega Ricardo Braga Silva, divide-se em duas aulas. A primeira lecionada por mim e a segunda pelo colega. Decidiu-se assim iniciar esta prática de ensino supervisionada, por pedido e sugestão do professor Domingos Isabelinho.

A aula iniciou-se com uma grande expectativa dos alunos para conhecerem e estabelecerem um primeiro contacto com o professor estagiário.



O objetivo pretendido para esta aula era que os alunos criassem um esboço prévio e ainda um exercício de ampliação e representação através de uma fotografia das Portas do Castelo de Estremoz.

A fotografia foi dividida em nove partes, de forma a distribuir pelos nove alunos. Cada um deveria interpretar a imagem à sua maneira e realizar, numa primeira fase, um esboço que viria a ser ampliado para uma folha A3. Neste exercício era pretendido que os alunos explorassem a sua gestualidade, expressividade e interpretação do desenho. Que cultivassem a perceção visual através da criação de hábitos de observação, análise e representação. Pretendia-se capacitar os alunos para soltarem o traçado e aceitarem o erro como um processo normal de construção, desenvolver e amadurecer as capacidades expressivas e interpretativas, para finalizar a fotografia do exercício do Castelo de Estremoz.

Os alunos presenciaram uma demonstração do software online Prezis, aonde foi refletido em grupo a interpretação necessária a cada parte da fotografia e assim realizado o exercício.

Foi pedido aos alunos que tivessem atenção principalmente as linhas de contornos e as sombras inseridas na sua parte da fotografia.

Ao longo desta aula, os alunos realizaram as ampliações e representações fotográficas. Acompanhei o desenvolvimento dos alunos ao longo da aula, no sentido de auxiliar ou até corrigir algum erro que pudesse surgir. O principal intuito deste exercício era que os alunos compreendessem que só com trabalho de equipa, com cooperação e com rigor total nos nove trabalhos, será possível conseguir completar a composição visual que se pretende.

Figura 12 a 17

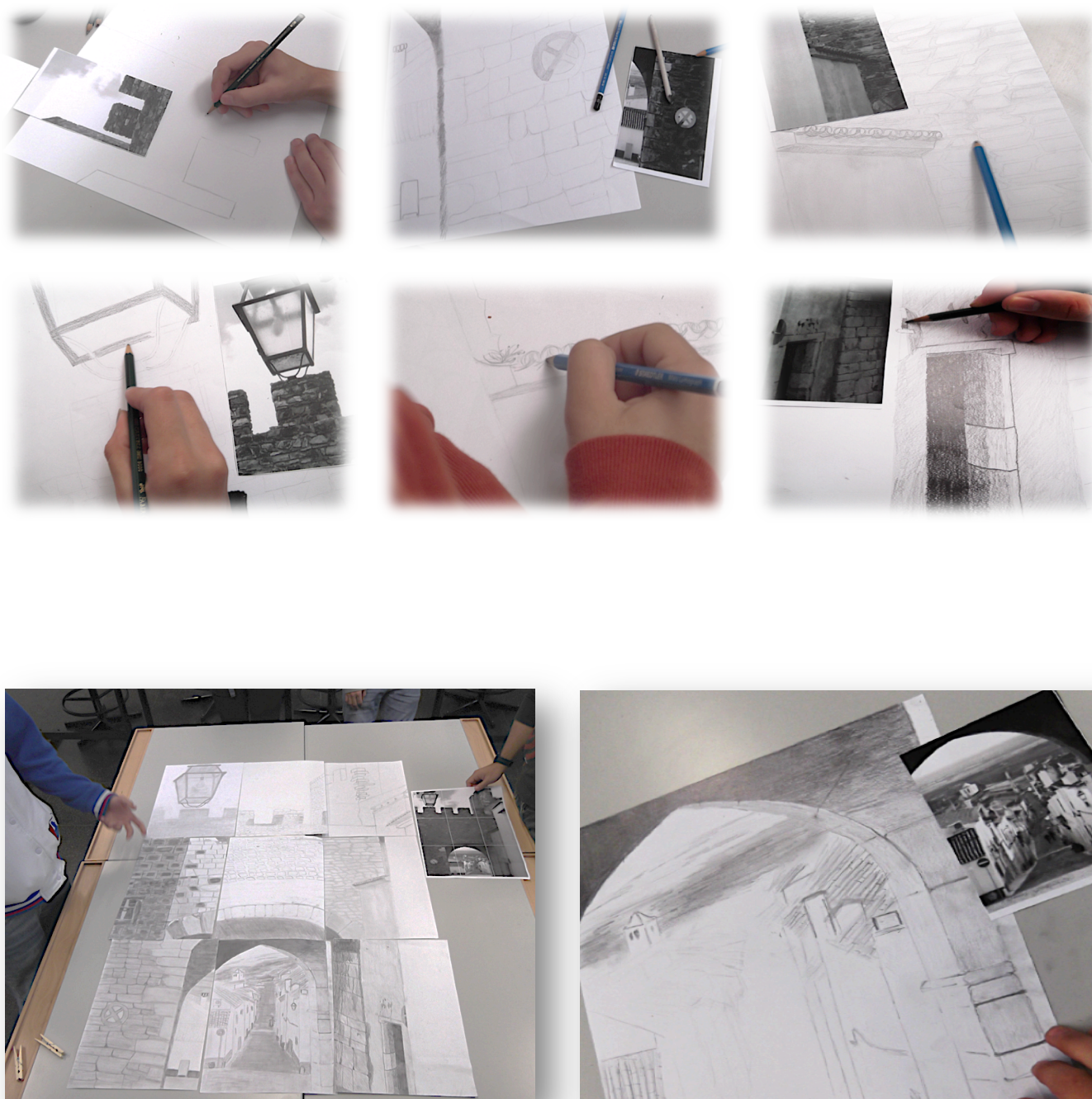




Figura 18 a 21

2.2. Aula 2 - Planos de Visão & Storyboard

Exercício: Criação de um STORYBOARD

Na segunda aula foram lecionadas duas matérias, o *Storyboard* e os Planos de Visão. Estes que são ferramentas essenciais na produção cinematográfica de qualquer produto audiovisual.

A aula iniciou-se com uma apresentação multimédia sobre Planos de Visão e *Storyboard*, nesta apresentação realizou-se um debate e reflexão sobre as referências e os conceitos dos mesmos.

Foram referenciados aos alunos os planos: Plano Geral, Plano Conjunto, Plano Médio, Plano Americano, Plano Aproximado, Primeiro Plano, Grande Plano e o Plano Pormenor.

No momento de geração de ideias, o *storyboard* pode ser associado à construção de modelos (gráficos) que antecipam situações futuras de um projeto. A construção de narrativas visuais, representadas nesse tipo de modelo que aqui apresenta-se como storyboard, expressa a dimensão e a capacidade de traduzir emoções que tornam o uso desse instrumento essencial para a pré visualização do qualquer projeto audiovisual. O *storyboard* constitui um meio que facilita o diálogo reflexivo entre o realizador e a sua equipa, ao mesmo tempo, possui a qualidade de ser facilmente compreensível por não especialistas que, de alguma maneira, participam desse processo.

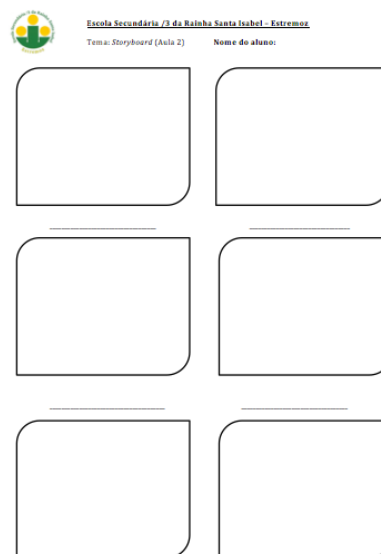


Figura 22

Esta ferramenta fundamental do cinema tem a função de guiar visualmente os realizadores e toda a equipa na realização de produto audiovisual.

O exercício pretendido para esta aula seria a criação de um storyboard, através de um guião literário pré-realizado criado pelo professor estagiário.

O mesmo foi distribuído durante a sessão de esclarecimentos, informando-os que deviam ilustrar o storyboard conforme a interpretação de cada guião literário.

Nesta aula pretendi que os alunos continuassem a desenvolver as capacidades de gestualidade, representação e expressividade no desenho. E que concretizassem o exercício de desmontagem e montagem, desenvolvendo o sentido crítico através de diferentes modos de expressão.

Na realização deste exercício, notei um grande empenho e motivação dos alunos na execução do mesmo. No entanto, o mesmo consistia em recriar o fluxo da história nos “quadrados” do *storyboard* e ao mesmo tempo, perceber qual o tipo de Plano de Visão/Enquadramento estavam a representar no papel.

No final da aula, decidi e considerei importante juntar os alunos para uma auto-avaliação do exercício, apelando à reflexão do sentido crítico.



Figura 23 a 30

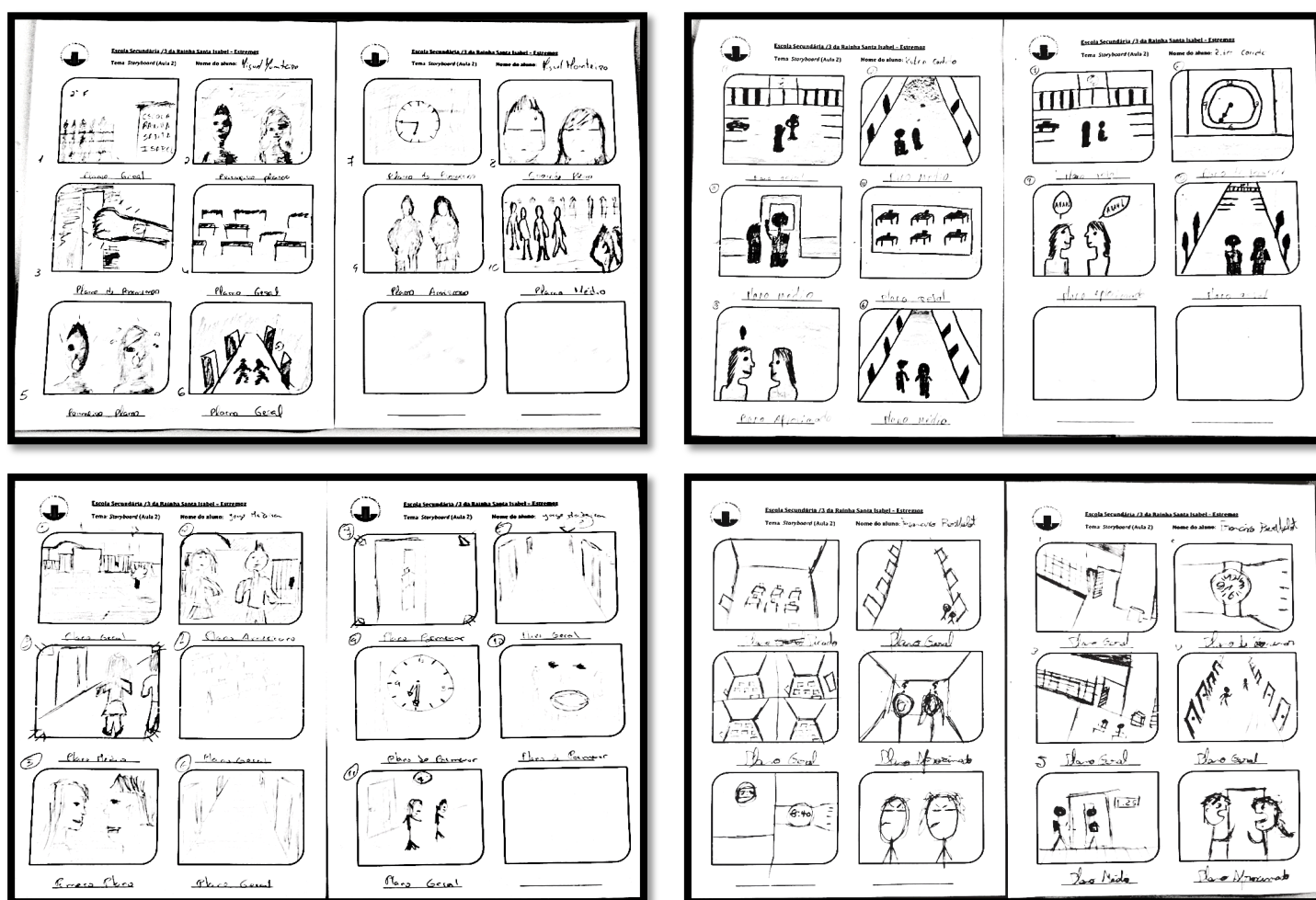


Figura 31 a 34

2.3. Aula 3 - Flipbook & Noções Bases de Cinema

Exercício: Criação de dois FLIPBOOK

Esta aula iniciou-se com uma apresentação multimédia, tendo como objetivo divulgar referências sobre cinema de animação e introdução ao tema *Flipbook*.



Figura 35

Em seguida, decidi distribuir aos alunos um material didático com as noções bases de cinema no qual alguns alunos mostraram desconhecimento perante algumas designações como: banda sonora, voz-off, genérico, som, cenários, claquette, *making-of*, curta-metragem, média-metragem, longa-metragem, argumento, cor, música e tema musical, os mesmos foram referenciados e refletidos.

O objetivo pretendido com a aula, era que os alunos idealizassem e expressassem com liberdade técnica sobre duas sequências que incluíssem movimento de uma ou mais figuras/objetos, entendendo os conceitos chaves da animação.

Neste exercício, pretendi que os alunos explorassem a gestualidade, expressividade e interpretação no desenho, que entendessem o processo criativo como um espaço de cruzamento de diversas experiências físicas e conceptuais, e que desenvolvessem competências nos domínios da representação. Explorando modos próprios de expressão e comunicação visual utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.

Foram visionadas várias imagens e vídeos do youtube como exemplos, com o intuito de idealizarem ideias para as suas sequências para os seus flipbooks. Flipbook é uma sequência de imagens organizadas, em geral no formato de bloco, que ao ser

folheado provoca uma ilusão de movimento criando uma sequência animada. Entre exemplos de cinema e de animação, temos um que é o mais conhecido na atualidade, o stop-motion. O Flipbook é conhecido por um pequeno livro ou bloco, com cerca de 25 a 50 folhas com o formato de mais ou menos 5x12 cm. Foi criado em 1868 pelo artista John Barnes Linnet, em Birmingham, Inglaterra.

Nesta aula, decidi incentivar os alunos a serem criativos, pois estávamos presente uma ferramenta analógica, mas não ultrapassada. E isso ficou provado no empenho e dedicação dos alunos dada a realização das suas sequências, das suas ideias. Concluo que esta experiência de cinema de animação foi bastante apreciada pelos alunos, pois a criatividade humana vai além da tecnologia. A arte é e deve ser uma constante na vida do homem, quem não ouve musica, vê filmes, vai ao teatro, tudo tem uma base, uma continuidade de ideias tão simples como esta aula do flipbook. Esta aula foi a prova disso mesmo, os alunos admiraram e começaram em casa a produzir flipbooks para introduzir no YouTube e mostrarem as suas capacidades, ideias, trabalhos.



Figura 36 a 44

3. Workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual

Exercício: Realização do Documentário “Estremoz (re)perspetivar”



Figura 45

Título: Workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual

Público-alvo: Turmas: 10°F e 12°E; Membros do Clube das Artes.

Datas: 10, 11, 12 e 13 de Dezembro de 2012

Aprendizagens específicas:

- Noções de pré-produção de um objeto audiovisual (ideia, guião e storyboard);
- Manuseamento de material técnico (câmaras de filmar, tripés, microfones, etc...);
- Realização, a importância do trabalho em equipa;
- Noções de montagem (software de edição, pós-produção áudio e vídeo).

Descrição: O workshop será iniciado com uma componente teórica, com o objetivo de introduzir o tema do cinema, mostrando alguns exemplos relevantes ao longo da sua história. De seguida, iniciar-se-á a parte prática, através da explicação do exercício proposto aos alunos. Será então feita uma divisão dos alunos em grupos de trabalho. Cada grupo irá executar o exercício que pressupõe 4 etapas: fundamentar uma ideia, recolher fontes visuais identificadas, realização das filmagens e montagem das mesmas. O workshop terminará com a exibição do trabalhos realizados e respetiva reflexão crítica em grupo.

Objetivo a atingir Professor-Aluno:

- Compreender possibilidades de utilização do cinema enquanto forma de comunicação em contexto escolar;
- Compreender a importância das possibilidades de aprendizagem em sala de aula através do som e da imagem;
- Identificar potenciais utilizações do cinema na escola enquanto linguagem transversal às diferentes disciplinas;
- Produção de um produto audiovisual (documentário);
- Partilhar experiências e desenvolvimento do sentido crítico enquanto equipa de trabalho.

Programação detalhada:

<i>Dia</i>	<i>Tempo</i>	<i>Modulo</i>	<i>Descrição</i>
10	2 horas	Introdução	Explicação dos objetivos do workshop. Componente teórica através da mostragem de alguns objetos audiovisuais como excertos de filmes, curtas-metragens, videoclips, animações, making of's, etc...
	3 horas	Pré-produção	Divisão de tarefas por cada elemento. Elaboração da ideia e planeamento das filmagens.
11	12 horas	Realização	Filmagens da execução dos trabalhos artísticos. Nesta fase será destacado o trabalho de equipa e a divisão de tarefas pelos elementos do grupo.
12	6 horas	Pós-produção	Gravação das narrações. Montagem do vídeo e do áudio. Exportação do vídeo final.
13	2 hora	Exibição	Exibição pública e reflexão final sobre os exercícios realizados. Nesta fase será importante o diálogo entre os grupos de trabalho e o olhar crítico dos mesmos.

Material necessário: 1 Projetor de vídeo; Colunas; 1 Câmara de filmar; 1 Slider; 1 Tripé; 1 Microfone; 1 Computador com software de edição de vídeo e auscultadores;

Este workshop foi concebido para os alunos do Clube das Artes, para os alunos envolvidos na Prática de Ensino Supervisionada, turma do 10ºF e ainda a turma do 12º Ano do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.

Durante a realização do *Workshop* foram utilizados essencialmente dois meios de expressão: o desenho e as tecnologias audiovisuais. O seu uso teve como objetivo a exploração plástica do universo envolvente no domínio de formas naturais e dos objetos construídos pelo homem. Os alunos poderiam assim experimentar diversas técnicas de desenho para que pudessem dominar instrumentos e materiais adequados às suas necessidades e assim perceberem e relacionarem os diálogos que surgiram sobre características formais das imagens, temáticas e estilísticas de forma a melhorar a sua representação no contexto do produto final apresentado no documentário.

Sobre as tecnologias audiovisuais, todos estes meios/instrumentos foram depois usados durante a produção de vídeo, mais especificamente para a construção, produção, captação, realização e edição de vídeo.

A partir destes temas era necessário definir objetivos para os alunos, de maneira a conseguirem concretizar as várias etapas do exercício. Assim, os alunos devem perceber que a produção de um vídeo é uma boa ferramenta de trabalho em termos pedagógicos. Devem compreender a motivação e responsabilidade inerente ao trabalho planificado e os seus graus de desenvolvimento. Perceber que existe um enorme impacto na utilização de produções audiovisuais em contexto escolar. Observar e compreender o desenvolvimento criativo da produção e realização do vídeo. Testar o equipamento necessário para a execução das atividades inerentes à realização do documentário e compreender o vídeo como uma ferramenta interdisciplinar;

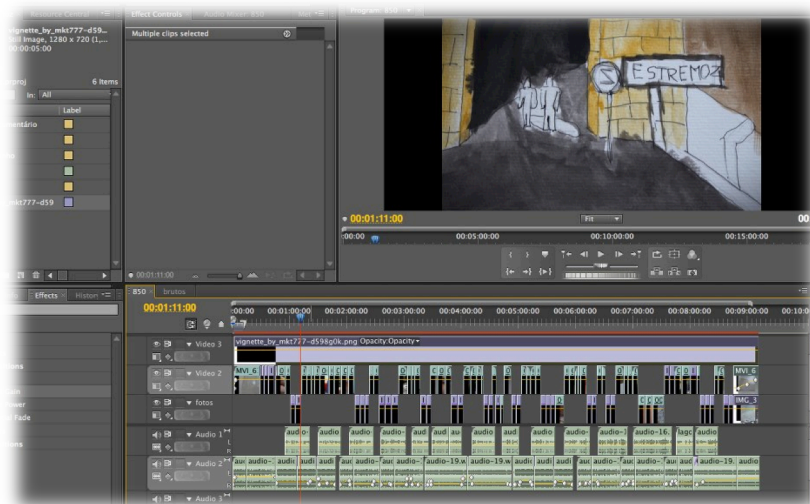


Figura 46

As etapas da realização do documentário transformaram-se em experiências de produção de vídeo muito positivas. Os alunos tinham um registo daquilo que realizavam, pois estavam motivados a criar e mostrar as suas criações à comunidade escolar. A realização do um vídeo valorizou o resultado dos trabalhos dos alunos, foi um reforço positivo ao nível de auto-estima. Alguns dos alunos com desempenhos razoáveis durante o percurso da prática de ensino supervisionada, mostravam interesse e empenho no uso dos meios tecnológicos associados ao cinema como um mote para participar na produção dos conteúdos, superando-se a si próprios.

Para visionamento do Documentário “Estremoz (re)perspetivar”, deve abrir a seguinte hiperligação: <http://vimeo.com/55555657> ou ver nos anexos no DVD.

3.1 Conteúdos Programáticos

Introdução ao Cinema

Conceitos a abordar

- Fotograma
- O Jogo de Sombras

- Câmara Escura
- Lanterna Mágica
- Fenacitiscópio
- Kinetoscópio
- Cinematógrafo

Excertos de exemplos Cinematográficos

- Eadweard Muybridge (“Sequência de um cavalo em movimento” 1878)
- Irmãos Lumière (“L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat” 1896)
- Georges Méliès (“Le voyage dans la Lune” 1902)
- F. W. Murnau (“Nosferatu” 1920)
- Alfred Hitchcock (“The Birds” 1963)
- Stanley Kubrick (“The Shining” 1980)
- Quentin Tarantino (“Pulp Fiction” 1994)
- Christopher Nolan (“Inception” 2010)

Operação de Câmara

Características técnicas

- Abertura
- Foco
- Íris
- Objetiva
- Interface
- Viewfinder

Escala de planos

- Plano Geral
- Plano Médio
- Grande Plano
- Plano Pormenor

Movimentos de câmara

- Panning
- Tilt
- Travelling
- Hand-Held
- Zoom

Ângulos de câmara

- Plano Picado
- Plano Contra-picado
- Plano ao Nível do Olhar

White Balance e Black Balance

Captação de Som (para imagem)

Microfones e características

- Lapela
- Shotgun
- Cardióides

Material técnico

- Gravadores de áudio digitais
- Cabos XLR, Jack, RCA
- Adaptadores

Captações

- Voz
- Ambientes
- Efeitos especiais
- Foley

Problemas associados ao som em audiovisual

- Vento
- Ruído de roupa
- Motores
- Luzes

Direção de Fotografia

Iluminação Estúdio/Exterior

- Projetores

- Filtros
- Outros acessórios

Criação de um ambiente através da iluminação e composição

- Fontes de luz e Sombras
- Temperatura de cor
- Profundidade de campo

Influência da iluminação na leitura das personagens e dos objetos

Direção de Atores e Formação de Equipa

Casting e adequação da personagem

- Adereços
- Guarda-roupa

Diferentes funções

- Produtor
- Realizador
- Guionista
- Diretor de Fotografia
- Técnico de Som
- Operador de Câmara
- Montador

Escrita de Guião

Concepção da Ideia

- Sinopse

Escrita do Argumento

- Desenvolvimento da história
- Personagens
- Utilização dos espaços
- Criação da passagem temporal

Guião Cinematográfico

- Regras de escrita
- Software “Celtx”
- Réperage (Identificação e avaliação dos espaços)

Storyboard

- Representação visual de todos os planos e movimentos
- Simbologia própria

Realização (dia de filmagens)

Rodagem

- Mapa de rodagem
- Ordem de planos
- Noção de continuidade
- Hierarquia de equipa
- Composição de imagem e instruções a atores

Montagem

Formatos de ficheiros de áudio/vídeo digitais

- MPEG2
- MPEG4
- MPEG2 DVD
- AVI
- MOV

Software de edição

- Adobe Premiere
- Pro Tools

Técnicas de montagem

- Corte
- Junção
- Ritmo
- Sobreposição

Pós-produção Áudio e Vídeo

Tratamento e correção de cor

- Brilho
- Contraste
- Saturação
- Filtros

Vinhetas, Lettering e Grafismos

Equalização de áudio

- Som directo
- Música
- Efeitos

Exportação para formatos de visionamento

- Ficheiro Digital
- Streaming Internet
- DVD vídeo

3.2. Trabalhos realizados pelos Alunos

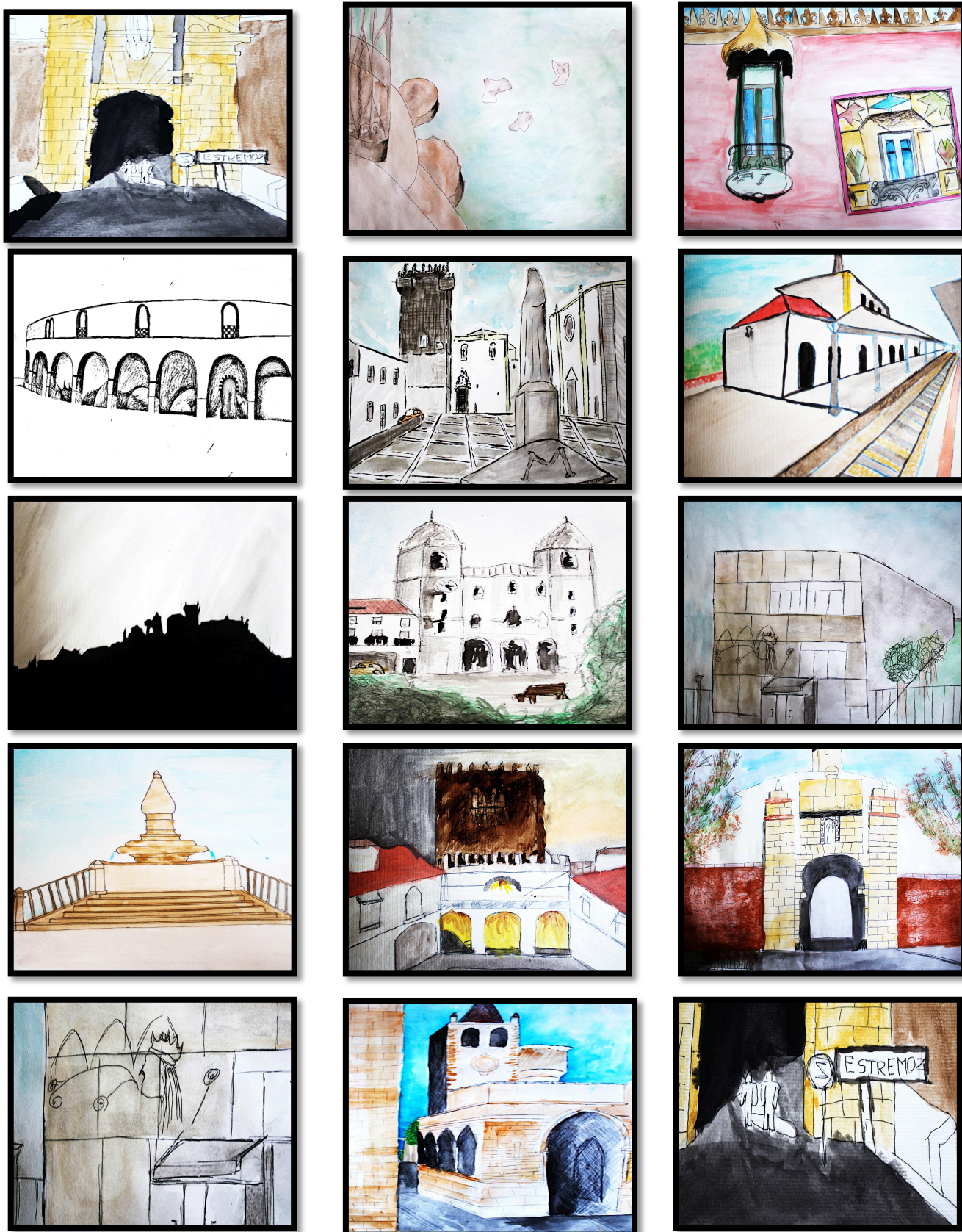
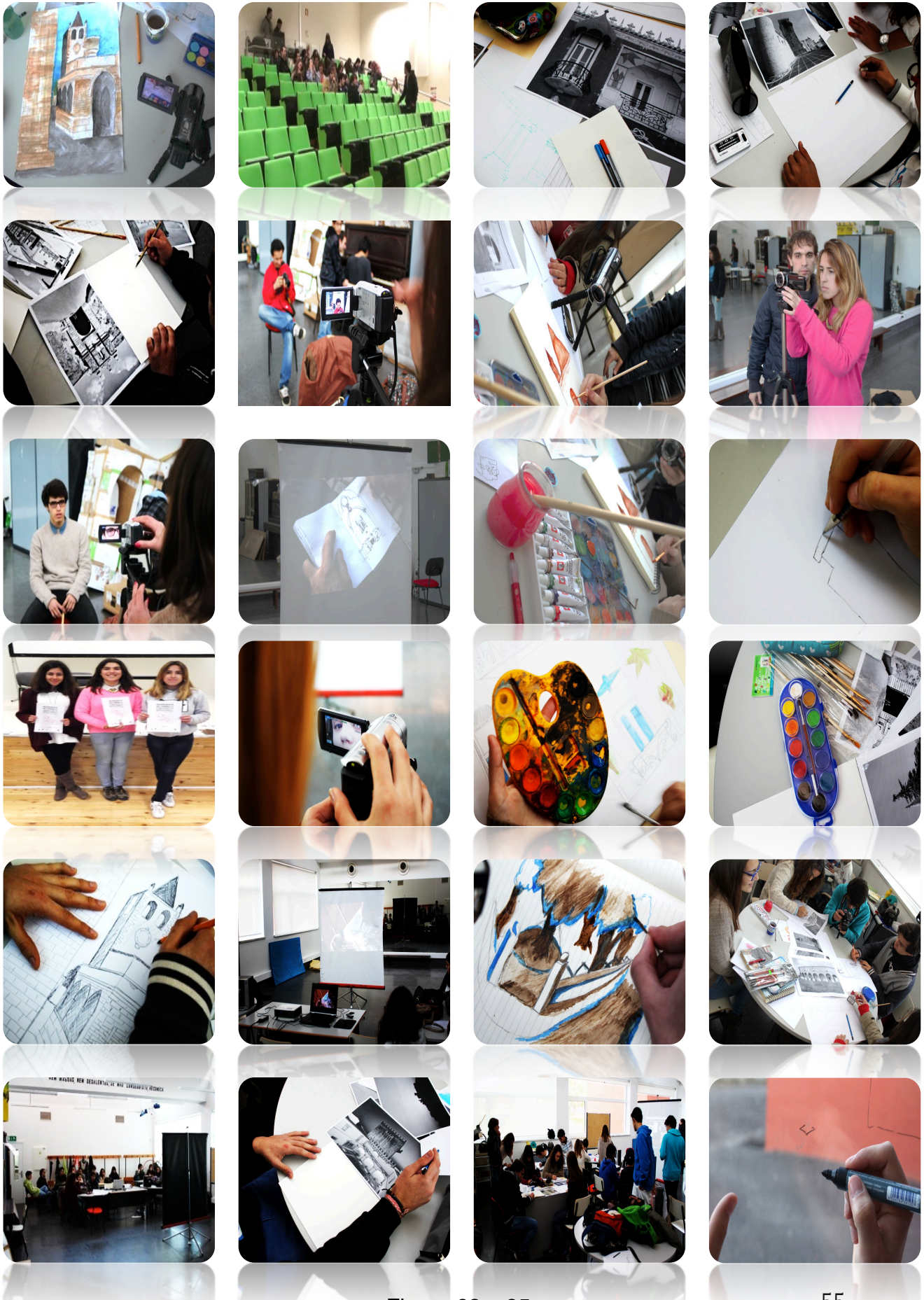


Figura 47 a 61

3.3. Making of Fotográfico – Workshop



4 - Análise e Reflexão – PES1

A turma do 10º F mostrou-se bastante colaborativa, motivada e interessada nas diferentes propostas de trabalhos.

Nas várias sessões, a maioria dos alunos revelou empenho, entusiasmo e responsabilidade.

Há a destacar positivamente a curiosidade e motivação geral dos alunos nas actividades do Storyboard e do Flipbook, mostraram preocupação em conhecer e compreender todos os conceitos aplicados, de maneira a alcançarem melhores resultados nas atividades propostas.

No que respeita à relação pedagógica com os alunos, verificou-se sempre um óptimo relacionamento com todos os alunos, os quais que se mostraram sempre satisfeitos com as atividades, refletindo-se qualidade e variedade nos seus trabalhos.

Nas interacções com os alunos, houve sempre a total preocupação de os motivar e estimular a serem criativos, mas também fomentarem uma atitude crítica relativamente aos resultados pretendidos e alcançados.

5 - PES 2 – Arraiolos (In)Formar



Figura 86 a 95

5.1. Caracterização do Meio Envolverte & Escola

Arraiolos é uma vila do Alto Alentejo, situada no distrito de Évora, a 136 km de Lisboa, 95Km de Espanha e a 22 km de Évora. Tem uma posição geográfica privilegiada que lhe confere potencialidades turísticas acrescidas, considerando todo o seu património cultural, arquitetónico e artístico. Arraiolos possui uma população de 7616 habitantes, com 684,08 Km², cerca de 9,45% da área do Alentejo Central, repartidos por sete freguesias, Arraiolos, Igreja, Sabugueiro, Santa Justa, São Gregório, São Pedro da Gafanhoeira e Vimeiro.

Contudo, apesar de todas as potencialidades da cidade, verifica-se um decréscimo na população nestas freguesias (principalmente a partir de 1960). A principal causa deste decréscimo populacional são os movimentos migratórios. A população torna-se assim mais reduzida e envelhecida, uma vez que os jovens são quem mais parte para outros locais, principalmente para cidades desenvolvidas, que os possibilitem lutar por um futuro melhor.

Saliento no entanto, que na vila de Arraiolos pode-se usufruir de algumas áreas de desporto, lazer e cultura, de forma a enriquecer a qualidade de vida na localidade.

Na vila de Arraiolos, no que se refere ao registo do desemprego, e de acordo com os dados fornecidos dos 7.616 residentes, 20% são desempregados. O grupo etário mais atingido é o dos 25-29 anos, seguido dos 35-39 anos. Da população desempregada no concelho, 73,98% é do sexo feminino e a restante, 26,02%, do sexo masculino. Como podemos ver, a população jovem é a mais afetada. Ao nível da empregabilidade nos sectores económicos, o concelho de Arraiolos regista 15,97% da sua população empregada no sector primário, 29,66% no sector secundário e a maioria da população, 54,37%, empregada no sector terciário. Em termos de evolução, num período de 10 anos o concelho de Arraiolos perdeu praticamente metade dos empregos agrícolas (-15,23%), havendo também no sector secundário um ligeiro decréscimo. A maior alteração ocorreu no sector terciário, onde o emprego aumentou cerca de 18%.

Verifica-se também que a maior parte dos trabalhadores por conta de outrem trabalha no sector terciário (36,6%) e secundário (35,4%), tal como ocorre a nível

nacional, embora com valores relativamente mais baixos.

No concelho de Arraiolos predominam as empresas na área do comércio, quer a nível da reparação de veículos automóveis, como do comércio de bens de uso pessoal e doméstico. Outra indústria com grande peso no sector é a indústria têxtil, associada ao fabrico dos tapetes de Arraiolos, contudo esta indústria também tem vindo a diminuir e quase condenada ao desaparecimento.

De acordo com os censos de 2011 a taxa de analfabetismo tem vindo a diminuir ao longo dos anos, contudo no concelho continua a persistir uma taxa de analfabetismo bastante elevada.

A Escola EB 2,3/S Cunha Rivara, situada na vila de Arraiolos, é um espaço agradável e com as melhores condições do distrito para trabalhar. Voltada para a comunidade educativa e parceira assumida da educação ao longo da vida, esta Escola assume-se como um motor de desenvolvimento na região em que se insere.

A escola Cunha Rivara é constituída por 568 alunos, 93 docentes e 46 não docentes, a mesma foi inaugurada em Setembro deste Ano. O Piso -1 é conhecido como o piso de ensino e serviços, contém uma sala de 1º socorros, outra de Serviços de Apoio Gerais e ainda contém 11 salas de ciência e tecnologias, 7 de ciências e 4 da disciplina de T.I.C. No Piso 0, conhecido como entrada, encontramos a área administrativa, que é constituída pela Recepção, Secretaria, Sala de espera, S.A.S.E., Sala da Direção, Sala do Diretor, Gabinetes de Atendimento, Sala de Reuniões, Sala de Diretores de Turma, Arquivos, Gabinete de Psicologia e ainda, Associação de Estudantes e Pais. Ainda no Piso 0, temos a área do Centro de Novas Oportunidades, Sala Polivalente, Museu, Refeitório, Bar, Apoios Gerais/Restauração e a área coberta aos alunos que é destina ao convívio. O Centro de Novas Oportunidades é constituído por Sala de Espera, Gabinete de coordenação, Sala de Formadores, Sala de Formação e o Gabinete de Apoio. A sala Polivalente é constituída por sala polivalente, Oficina de Teatro, Sala de Musica e o Clube de Fotografia. No Piso 1, que é conhecido pelo piso Ensino, contém área de docentes, Biblioteca, 28 salas de aula e 6 salas de Artes, apenas salientar que a área de docentes é constituída por 3 salas, Sala de Pausa, Sala de Trabalho e Sala de Reuniões.

A mesma, está devidamente equipada, em termos informáticos ou mesmo a nível de Artes, de acordo com as diretrizes centrais. Todas as salas e edifícios, incluindo o refeitório e a biblioteca estão equipados com ligação à Internet. Existem normas/regulamentos próprios que definem os procedimentos de utilização dos espaços e equipamentos específicos como a internet, ou seja, os alunos só poderão aceder à internet nas aulas de Tecnologias de Informação e Comunicação, com a presença do professor titular, ou na Biblioteca nos tempos livres. Ou seja é expressamente proibido aceder à internet em qualquer portátil, smartphone, tablet, etc. Os docentes, para poderem habilitar-se a usar a internet wireless em qualquer espaço, necessitam requisitar password junto do administrador da rede, só assim é possível usar a internet da escola Cunha Rivara.

Apesar da escola possuir uma população escolar relativamente pouco numerosa, devo referir que oferece um vasto leque de áreas de formação, que passo a referir:

Regime diurno:

- Ensino Básico: 1º ciclo;
- Ensino Básico: 2º e 3º ciclos;
- Cursos de Educação e Formação;

Ensino Secundário: 10º ao 12º Ano de Escolaridade;

- Científico - Humanísticos (Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades);

Cursos Profissionais

- Educação Especial
- Apoio Educativo (1º Ciclo)
- Intervenção Precoce

Regime Noturno:

Centro Novas Oportunidades

- Acolhimento, Diagnóstico e Encaminhamento.
- Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências.
- Formação Complementar.

Cursos de Educação e Formação de Adultos

- Cursos Técnicos: Higiene e Segurança no Trabalho

- Ação Educativa, Informática, Vendas e Instalações Eléctricas (Nível Secundário de dupla Certificação).

A Escola Cunha Rivara disponibiliza também aulas de recuperação, no caso das disciplinas com maior insucesso educativo.

Encontram-se em desenvolvimento os seguintes projetos na Escola EB 2,3/S Cunha Rivara:

- Eco-Escolas
- Gabinete de Segurança, Saúde e Bem –Estar
- Plano Nacional de Leitura
- Plano de Ação da Matemática
- Participar
- Comenius
- Clube das Artes
- Programa Nacional para o Ensino do Português
- Centro de Estudos da Avifauna Ibérica
- Desporto Escolar
- Oficina vai à Escola
- Aprender Inglês a Brincar no Pré-Escolar
- Rede de Bibliotecas Escolares
- Projetos promovidos pelas Bibliotecas escolares
- Museu Escolar
- Project Fénix
- Jornal do Agrupamento de Escolas

Desde há longa data que a escola e as instituições da comunidade mantêm entre si uma relação estreita, de cooperação, quer a nível formal quer informal.

- Câmara Municipal de Arraiolos
- Associação - Monte
- Casa das Artes
- Guarda Nacional Republicana
- Bombeiros voluntários

- Centro de Saúde de Arraiolos
- Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos e de Vimieiro
- Associações Recreativas /Culturais/Desportivas do Concelho
- Centro Paroquial
- Dadores Benévolos de Sangue
- Universidade de Évora
- Associação Imagem Impressa
- Galeria Lobo Mau
- Universidade Sénior
- Oficina da Criança
- Juntas de Freguesia
- Governo Civil de Évora
- Parque Escolar
- Centro de Recursos Inclusão

5.2. Caracterização da Turma

A Prática de Ensino Supervisionada foi desenvolvida com a turma B do 9º Ano, na disciplina de Educação Visual do ensino Básico.

A turma é constituída por vinte alunos, sete do Sexo Masculino, doze do Sexo Feminino, a idade média dos 19 alunos é de 14 anos. A nível de localização, constata-se que 11 alunos vivem em Arraiolos, 2 de Ilhas, 2 de Graça do Divor e os restantes de Pavia, Santana do Campo, Igrejinha, São Pedro. Sobre o encarregado de educação, temos um elevado número de Mães, ou seja, 16 contra 3 Pais.

Salienta-se que a maioria dos alunos moram com os Pais, apenas dois alunos, moram apenas com a Mãe, ou com o Pai.

A nível de tecnologias em casa, 19 alunos têm computador, 17 alunos contam com acesso à Internet e 16 alunos têm impressora.

A nível de Hobbies, maioria dos alunos salientou a importância das redes sociais como seus passatempos preferidos, entre outros, como dança, futebol, conversar com os amigos, sair à noite, etc.

5.3. Análise da disciplina de Educação Visual

A disciplina de Educação Visual faz parte do currículo do 3º ciclo do ensino básico, dispondo de uma carga horária semanal de 135 minutos, uma aula de 90 minutos e outra de 45 minutos. Esta disciplina contém duas vertentes: uma teórica, outra prática, todavia tem maior incidência na componente prática, sendo que é uma disciplina em que são executadas numerosas atividades artísticas.

A disciplina de Educação Visual é fundamental e objetiva na educação do aluno, evidentemente, através da mesma, o aluno consegue enraizar a imaginação, a razão e a emoção e desenvolver diferentes competências a vários níveis.

No programa de Educação Visual, que abrange o 7º, 8º e 9º ano, encontro, as competências, conteúdos e os resultados pretendidos.

Ao longo do 3º ciclo do ensino básico as competências que o aluno deve adquirir no currículo da disciplina de Educação Visual e sobre as Artes Visuais organizam-se em três componentes – fruição-contemplação, produção-criação, reflexão-interpretação.

Fruição-contemplação

- Reconhecer a importância das Artes Visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano;
- Reconhecer a importância do espaço natural e construído, público e privado;
- Conhecer o património artístico, cultural e natural da sua região, como um valor da afirmação da identidade nacional e encarar a sua preservação como um dever cívico;
- Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional;
- Reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular.

Produção-criação

- Utilizar diferentes meios expressivos de representação;
- Compreender e utilizar diferentes modos de dar forma baseados na observação das criações da natureza e do homem;
- Realizar produções plásticas usando os elementos da comunicação e da forma visual;
- Usar diferentes tecnologias da imagem na realização plástica;
- Interpretar os significados expressivos e comunicativos das Artes Visuais e os processos subjacentes à sua criação.

Reflexão-interpretação

- Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;
- Desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e a experiências no âmbito das Artes Visuais;
- Compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos;
- Analisar criticamente os valores de consumo veiculados nas mensagens visuais;
- Conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais.

Os domínios das competências específicas que estruturam estas três vertentes são: a comunicação visual, em que os alunos devem ter conhecimento e aptidão para ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais, aplicar elementos da forma onde os alunos devem reconhecer as diferentes formas de representação no espaço.

Ao longo do currículo da disciplina de Educação Visual é descrita o peso do uso dos diferentes meios de expressividade, devendo estes ser executados em função das competências, necessidades e perante as ideias dos projetos pedagógicos das escolas. Determino como áreas dominantes, o desenho, as explorações plásticas

bidimensionais e tridimensionais e as tecnologias da imagem.

Em relação às informações metodológicas evidentes no programa é esclarecido que no método ensino-aprendizagem, que cada exercício de trabalho proposto deve ser organizado a partir do perfil de competências definido e destes três eixos essenciais:

- Os saberes específicos da Educação Visual;
- Os suportes, materiais e técnicas que permitem a realização de projetos;
- Os campos temáticos onde as propostas de trabalho se devem inserir, integrando as aprendizagens e as produções em processos de reflexão e intervenção;

Existe similarmente no programa a forma como se deve incrementar a organização curricular: metodologias de ensino, organização e planificação do tempo, e organização de atividades.

6. Introdução – PES 2

O primeiro contacto com o Professor Luís Silva foi bastante positivo, houve uma abertura do mesmo para poder realizar uma unidade didática onde englobasse os audiovisuais, como um Recurso das Tecnologias Digitais atuais, potenciando o ensino-aprendizagem mas também oferecendo uma ferramenta exclusiva de criação e interpretação aos alunos.

Nas aulas de observação, que antecederam a intervenção de PES, saliento que havia um ótimo relacionamento entre todos os elementos da turma e também com a professor Luís, de realçar a motivação, empenho e rigor demonstrado pelos alunos.

Elaborou-se uma planificação de 6 aulas, onde os principais conteúdos a lecionar foram: Tecnologias Digitais, Introdução ao Cinema, *Storyboard*, Montagem e Edição de Vídeo.

O Estágio iniciou-se em meados de Janeiro, mas devido a problemas na escola em Fevereiro e Março, de gases e intoxicações inexplicáveis, o mesmo foi interrompido e iniciado novamente só no dia 5 de Maio.

6.1. Aula 1 – Tecnologias Digitais

Exercício: Apresentação de uma FERRAMENTA DIGITAL

Gostei muito da forma como fui recebido pelos alunos, senti que eles estavam ansiosos por me conhecer e trabalhar o tema escolhido.

Nesta primeira aula iniciou-se a apresentação do tema Tecnologias Digitais, sendo que foi analisado e refletido sobre “o que são?” e “quais as suas utilidades? ”.

A apresentação do tema durou cerca de 45 minutos, onde foram apresentados 20 slides. Individualmente cada aluno leu e refletiu em conjunto com o professor e colegas. Foi estabelecido um debate sobre o texto ou a imagem elaborado na apresentação/slide.



Figura 96

Em seguida, foi pedido aos alunos, que em grupos de dois fizessem um exercício sobre uma ferramenta digital que usassem diariamente em casa ou na escola. O objetivo seria, após a escolha, procurar informações sobre a ferramenta e realizar uma apresentação nos softwares Microsoft Power Point ou *Prezi* (plataforma online). Posteriormente essas apresentações seriam compartilhadas com a turma. As ferramentas digitais escolhidas pelos alunos foram: *Wareztuga*, *Hi5*, *Skype*, *Yahoo*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, *Dropbox* e o *Facebook*.

Foi indicado aos alunos que as apresentações que ficassem incompletas deveriam ser terminadas como trabalho de casa. As apresentações dos grupos foi realizada na sessão do dia 10 de Maio.



Figura 97 a 105

6.2. Aula 2 – Introdução ao Cinema & Storyboard

Exercício: Criação de um STORYBOARD

A aula iniciou-se com os trabalhos realizados na aula anterior, sobre ferramentas digitais, associados às tecnologias digitais. Estas ferramentas foram escolhidas pelos alunos na aula anterior, sendo que o tema foi livre devido às diferentes interações que cada um soluciona na internet.

Saliento que os resultados dos trabalhos foram bastantes positivos, houve um enorme empenho e motivação no processo de criação, no entanto, todos os trabalhos eram ricos visualmente, com fotografias do interface do software, como dos seus criadores, ou de exemplos visuais pesquisados num motor de busca.

Consto que houveram dois grupos que apresentaram no software *Prezis* e os restantes seis grupos em Microsoft PowerPoint, dos quais cinco deles introduziram vídeos do *YouTube* na apresentação.

Em seguida, foi a altura de abordar o tema desta aula, a Introdução ao cinema e Storyboard. Após a apresentação multimédia, houve um debate e reflexão sobre o mesmo.

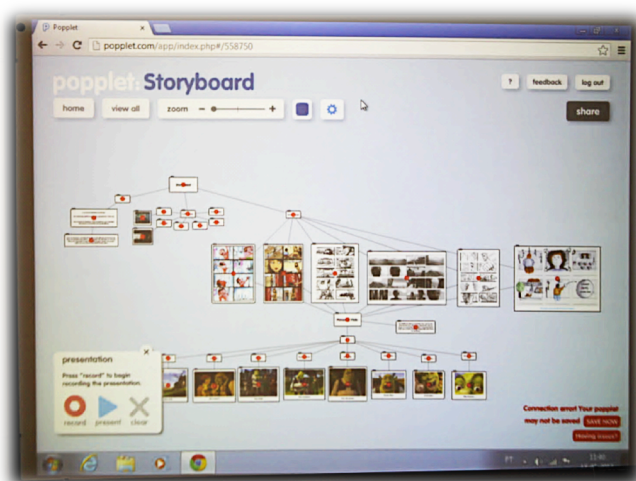


Figura 106

O objetivo desta aula, era que cada aluno individualmente criasse um *storyboard* que servisse como uma descrição gráfica que ilustrasse a aparência e o fluxo da história. Assim sendo, a história pedida foi que criassem um vídeo sobre a

apresentação da Escola Cunha Rivara à comunidade escolar e a todos seus agentes educativos.

Foi pedido aos alunos, empenho, rigor e criatividade no exercício, sendo que os alunos foram informados que teriam de apresentar o mesmo na próxima aula aos colegas, isto com o intuito de trocar opiniões e críticas, apelando à reflexão/debate em grupo.

Nesta aula, existiu um grande à vontade e uma enorme interação entre professor-aluno na partilha e transmissão de novos conhecimentos.



Figura 107 a 115

6.3. Aula 3 – Noções Bases de Cinema & Montagem

Exercício: Produção de CURTA-METRAGEM

A terceira aula iniciou-se com a apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos na última sessão. O exercício pedido foi que realizassem um storyboard com o fluxo cronológico de como seria o filme de apresentação da escola. Este exercício foi realizado durante a seguinte aula.

A maioria dos alunos apresentou cerca de 12 enquadramentos da escola, após apresentação e debate com a turma sobre o mesmo, foi possível verificar que todos os alunos compreenderam realmente o que era pretendido para produzir um bom vídeo sobre a escola, qual o fluxo cronológico pretendido, quais os enquadramentos essenciais, mas também a duração do mesmo.

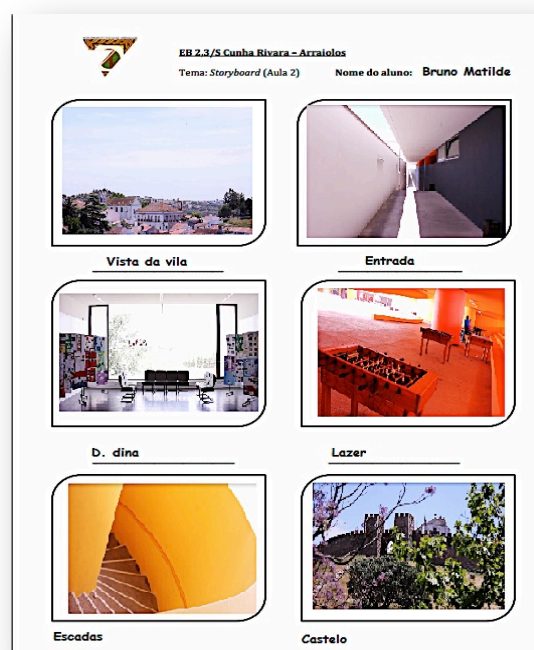


Figura 116

Gostei dos trabalhos dos alunos, especialmente da apresentação e do respetivo debate. Acima de tudo, apercebi-me que os alunos estavam aptos para iniciarem a próxima etapa, ou seja, a iniciação à montagem do vídeo.

Antes de iniciar o exercício da montagem, lecionei algumas noções bases do cinema, pretendi reforçar a motivação dos alunos, mas também fazer compreender melhor o mundo cinematográfico.

Assim, lecionei várias definições bases de cinema, tais como: banda sonora, voz-off, som, cenários, claquette, *making-of*, curta-metragem, média-metragem, longa-metragem, argumento, cor, música, tema musical, montagem, pós-produção vídeo, pós-produção áudio.

Com o restante tempo de aula, decidi iniciar o exercício de montagem dos vídeos. Por montagem entendemos como um processo que consiste em selecionar, ordenar e ajustar os planos de um filme, a fim de alcançar o resultado pretendido, ou seja, em termos narrativos, como foi referenciado pelo storyboard.

A montagem é um processo de pós-produção vídeo e durante muito tempo foi considerada como o único processo original do cinema, aquilo que tornaria o cinema uma arte ou uma linguagem diferenciada das outras.

Assim, foram cedidos aos alunos 66 vídeos de curta duração, com cerca de 10 segundos cada, estes foram captados por mim no espaço escolar, com o intuito de oferecer aos alunos uma ampla seleção de materiais, e assim poderem ordenar as suas cronologias, ajustando a duração de cada plano e produzindo o vídeo de forma lógica e contínua.

Este exercício foi planificado para duas sessões de duração de 90 minutos, ou seja, o restante desta aula e a próxima sessão.

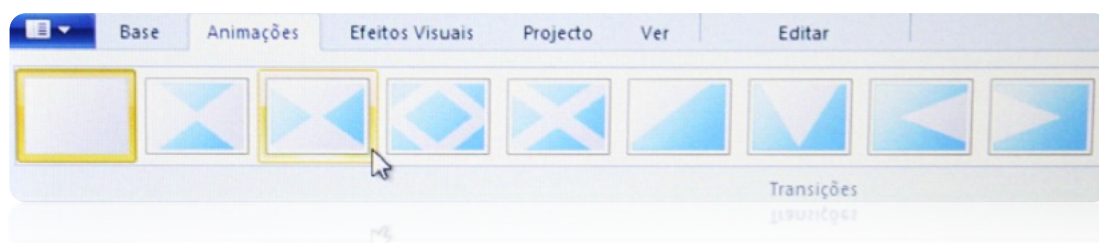


Figura 117

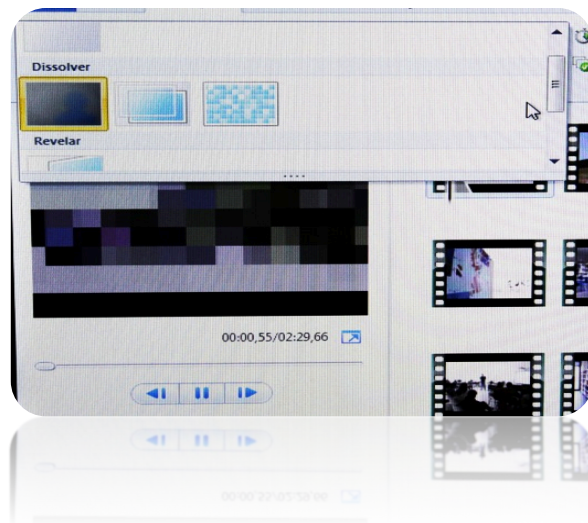
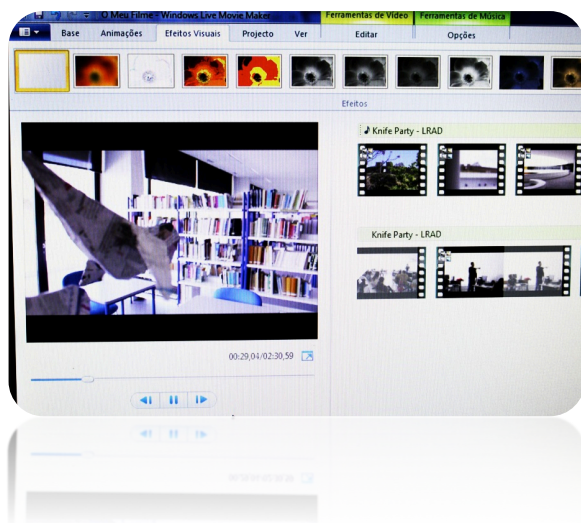


Figura 118 a 119

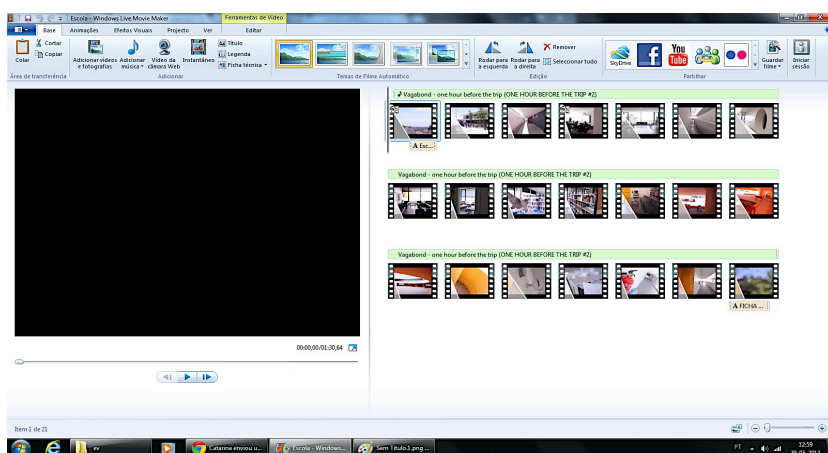
6.4. Aula 4 – Edição de Vídeo & Pós-Produção Vídeo

Exercício: Produção de CURTA-METRAGEM

Esta aula foi concebida para a continuação dos trabalhos em vídeo, no entanto, o objetivo desta aula era que os alunos após a montagem e alinhamento cronológico dos vídeos, explorassem as ferramentas e os instrumentos existentes na edição de vídeo, ou seja, níveis de cor, saturação, contraste, luminosidade, entre outros. Com recurso ao programa de edição de vídeo: Windows Movie Maker.



Figura 120 a 121



O Windows Movie Maker é um software de edição de vídeos do sistema operativo Microsoft. É um programa simples e de fácil utilização, o que permite aos alunos explorar facilmente a interação que o programa oferece, desde adicionar transições, efeitos visuais, até vozes ou mesmo banda sonora/música.

Na primeira fase de montagem, os grupos decidiram usar transições como forma de junção dos vários planos escolhidos para o vídeo. Uma transição é o que controla a passagem entre dois vídeos. Assim, deve-se adicionar uma transição entre duas imagens, ou em qualquer momento do guião gráfico/linha de tempo do vídeo.

Nesta etapa, existiu um enorme trabalho de cooperação entre os alunos de cada grupo. Foi discutida a melhor forma de produzir o vídeo, mas preferencialmente a duração de cada plano, os cortes necessários a serem feitos, a banda sonora desejada, entre outros pormenores necessários para a etapa cinematográfica. Numa segunda fase, foi pretendido que todos os grupos introduzissem músicas no vídeo, mais tarde, também legendas, para identificação de cada grupo e respetivo título da curta-metragem.

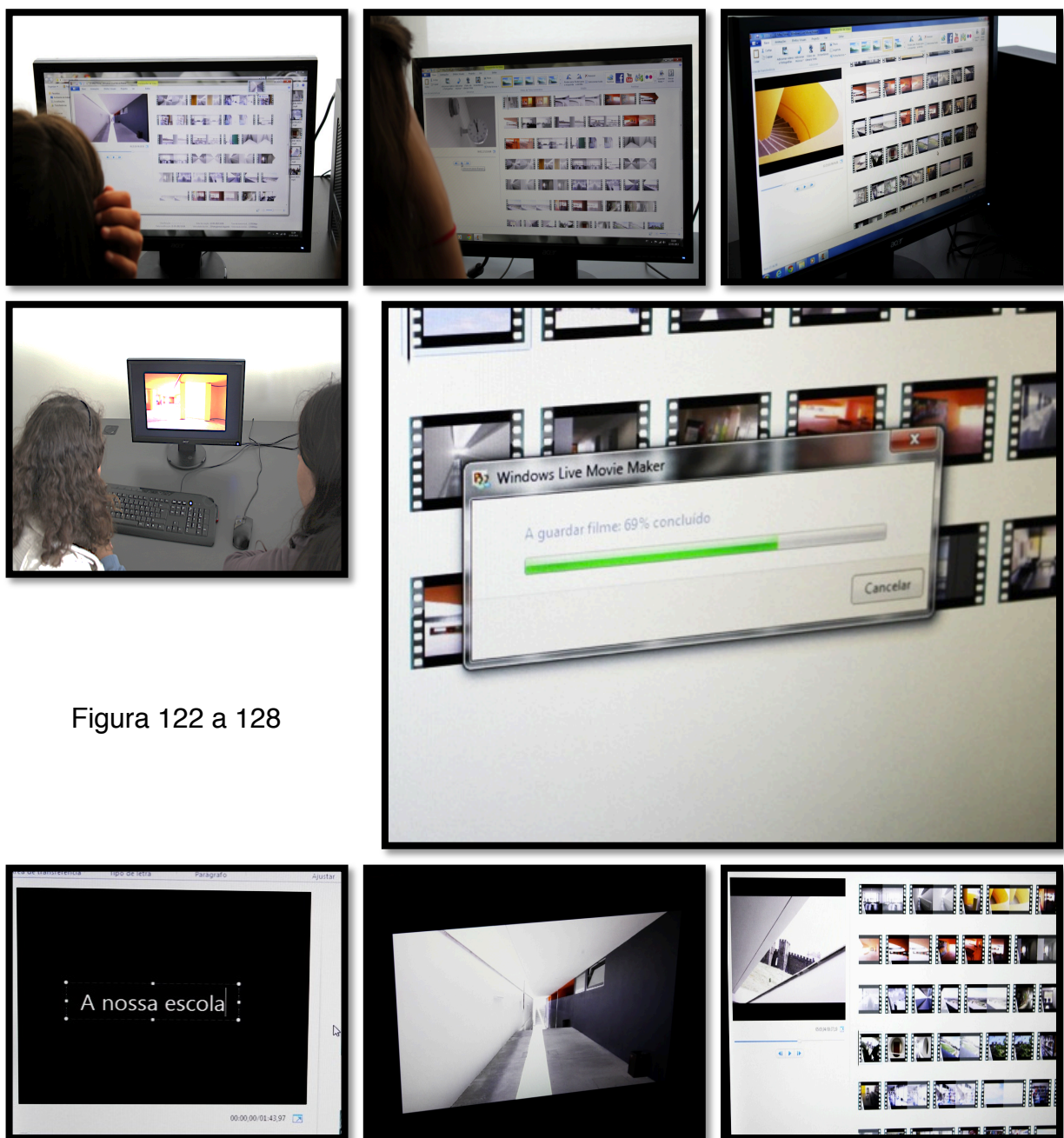


Figura 122 a 128

6.5. Aula 5 – Visionamento & Reflexão de Grupo

Exercício: Visionamento das CURTA-METRAGEMS, análise, discussão e reflexões finais

Esta aula foi concebida para o visionamento dos trabalhos finais realizados pelos alunos, mas também para os mesmos responderem aos inquéritos finais.

O visionamento ocorreu numa fase inicial da aula e durou cerca de 30 minutos, foram produzidos dez filmes.



Figura 129

Após o visionamento individual de cada filme, foi feito um debate com o grupo que o produziu, mas também com a turma apelando ao sentido crítico dos alunos. Por outras palavras, pedi ao grupo que explicasse o porquê de alguns enquadramentos, mas também questionei alguns pormenores de cronologia fílmica. O âmbito deste exercício final, era que cada grupo conseguisse criar uma curta-metragem de apresentação da escola à comunidade escolar.

Reparei que os alunos, estavam “surpresos” com os seus trabalhos finais, penso que nunca estaria na ideia deles conseguirem produzir um produto audiovisual na escola.



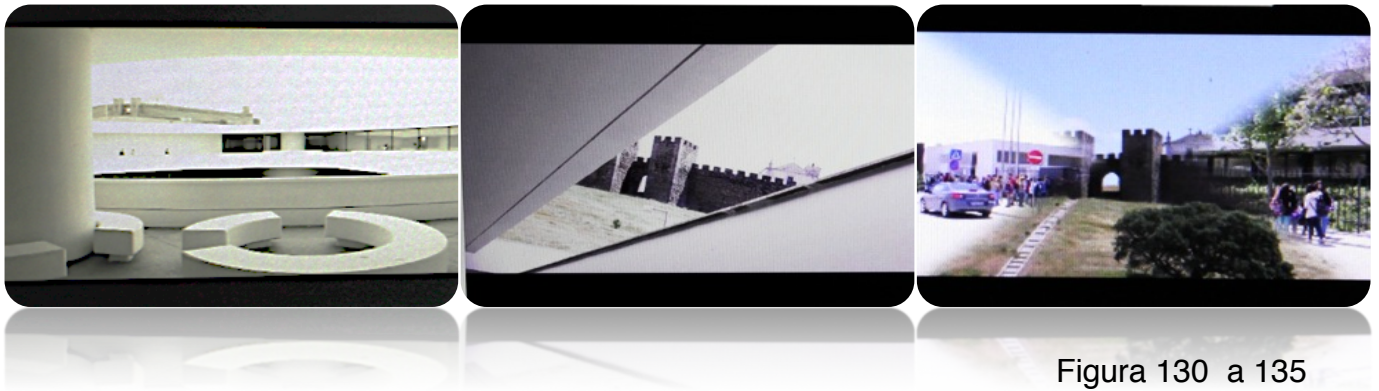


Figura 130 a 135

Os inquéritos foram criados com a finalidade de perceber se os materiais lecionados nesta unidade didática, foram ou não suficientes. Se existiu uma aprendizagem significativa, ou não, e principalmente para recolher uma opinião individual de cada aluno sobre as aulas e as suas matérias. Com os inquéritos foi pretendido também obter feedback sobre o que seria importante melhorar e quais foram as condicionantes à volta dos conceitos apresentados. Esta informação é de grande valor, tendo em conta que me permite analisar e refletir sobre as competências pessoais e permite-me melhorar numa perspetiva futura.

As poucas conclusões que posso e devo retirar desta aula, é que os alunos adoraram trabalhar o vídeo, principalmente todo o processo envolvente na montagem e assim a exploração da linguagem audiovisual inerente à edição e pós-produção vídeo.



Figura 136 a 141

7 - Análise e Reflexão – PES2

Sem dúvida, a experiência vivenciada na segunda parte desta prática de ensino supervisionada foi bastante boa, a nível do desenvolvimento profissional.

Foram usados novas metodologias, que não usei na primeira parte desta prática, ou seja, na Escola Cunha Rivara optei por juntar sempre os alunos em grupos de dois, de maneira a ampliar o raio de aprendizagem significativa, para criar uma cooperação entre colegas.

Desde o início desta segunda parte da prática de ensino supervisionada, os alunos realizaram sempre os exercícios pretendidos em grupo através da distribuição de tarefas. A aprendizagem cooperativa deve ser entendida como um processo educativo em que os alunos trabalham juntos para atingirem o mesmo objetivo. O que distingue fundamentalmente a aprendizagem cooperativa é o facto do sucesso de um aluno contribuir para o sucesso do grupo, num contexto de partilha de finalidades e entreajuda, sendo essencial que os alunos estejam conscientes deste princípio.

A utilização da metodologia tradicional, que privilegia quase exclusivamente as aprendizagens conceptuais, conduz ao individualismo, aos sentimentos de inadaptação, não preparando, na minha opinião, os alunos para os desafios e as exigências atuais da nossa sociedade.

Por outro lado, não se deve confundir a aprendizagem cooperativa com o trabalho de grupo tradicional, no qual não se verifica verdadeiro trabalho de cooperação no que diz respeito à partilha de responsabilidades e ao estabelecimento de relações positivas entre todos os elementos do grupo, mas sim a um elemento do grupo que organiza e elabora todo o trabalho.

Deste modo, a aprendizagem cooperativa, em contra partida da metodologia mais usual nas escolas tem demonstrado ser bastante útil na eficácia ao nível de aquisição de conhecimentos. Daí que esta aprendizagem estimula conjugação de esforços, de responsabilidade individual e de interdependência positivo: os objetivos são alcançados se e só se todos atingirem.

Foi assim que decorreu este percurso na Escola Cunha Rivara, senti um enorme crescimento nos alunos e nos trabalhos realizados ao longo das sessões, de salientar o último exercício realizado, os resultados foram surpreendentes e bastantes positivos. Os alunos apreciaram a experiência de conhecer o cinema e principalmente trabalhar e desenvolver experiências na montagem e edição de vídeo

Considerações Finais

Os motivos que levaram à realização desta Prática de Ensino Supervisionada estiverem ligados à perspectiva de conseguir aplicar os conhecimentos técnicos e teóricos, adquiridos durante a licenciatura de Som e Imagem. Ou seja, era importante que esse conhecimento desse frutos em termos profissionais e não se limitasse a um exercício de reflexão sobre tema. Assim aplicou-se uma abordagem mais centrada no agir, por um lado, para tirar dividendos da componente prática, por outro lado, para suprir a necessidade de me dirigir a uma realidade concreta.

No início do estudo, a abordagem do trabalho incidia mais sobre a importância do cinema no ensino secundário, mas posteriormente foi transformando-se gradualmente numa perspectiva mais relacionada com todo o processo cinematográfico, ou seja, no início da prática de ensino supervisionada a preocupação passava por criar um manual de cinema de animação e posteriormente animações *stop-motion*, no final sinto que os alunos aprenderam técnicas de registo audiovisual, técnicas de produção de vídeo, conceitos básicos da linguagem visual baseados no cinema.

A partir dos conceitos de linguagem visual os alunos elaboraram exercícios desde *LÇ*, *flipbooks*, produção de vídeo, realização de vídeo, montagem, captação de imagem, edição de vídeo, pós-produção áudio. Posso considerar que estas ferramentas devem ser aplicadas em exercícios simples e de curta duração.

Hoje é mais fácil ter ferramentas de produção de conteúdos, estas estão cada vez mais acessíveis e fazem parte do nosso dia a dia. Agora como continuar a trabalhá-los e que processos são necessários para que eles tenham resultados, é a questão. Primeiro tem de haver um envolvimento maior dos professores. Normalmente, e pelas experiências realizadas na produção de vídeo, parece ser considerada uma atividade alternativa extracurricular ou uma atividade lúdica. Retirar este cariz lúdico seria prejudicial visto que pode ser um fator motivador para os alunos despertando-lhes um interesse acrescido. Há mais condicionantes que estão relacionadas com a orgânica da escola e os profissionais envolvidos. O fator tecnológico parece, à partida, um entrave pelo qual muitos professores mostram receio em não conseguir dominar as técnicas e as tecnologias. Desconheço o peso destas formas de pensar

sobre a utilização das tecnologias e métodos de ensino no contexto escolar onde foi realizado esta prática de ensino supervisionada, no entanto, penso que o essencial será encontrar pontos em comum e dar a entender que a educação também passa pela utilização dos meios disponíveis no nosso dia a dia.

Uma escola deverá ter sempre diferentes pontos de vista, métodos e pedagogias, mas em última análise, deverá ter condições para respeitar as liberdades de pensamento dos seus intervenientes e aceitar outras perspetivas que não vão contra os direitos de cada um.

Bibliografia

ÁVILA, P. (2008) - A Literacia dos Adultos, Competências-chave na Sociedade do Conhecimento, Oeiras: Edições Celta.

ARNHEIM, R. (1990) - O poder do centro: um estudo da composição nas artes visuais. Lisboa: Edições 70.

AUMONT, J. (2008) - Dicionário teórico e crítico do Cinema, Lisboa: Edições Texto&Grafia.

BANDA, D.; MOURE, J. (2008) – Le cinema: naissance d'un art: 1895-1920. Paris: Flammarion.

BAPTISTA, V. R. (1997) - Contributos para uma Pedagogia da Comunicação in Tecnologias de Informação e Comunicação na aprendizagem. A escola e os média; nº 6; Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional.

CASTELLS, M. (2007) - A Galáxia Internet, reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, M. (2007) - Sociedade em Rede, Col. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura Vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

CLAREMBEAUX, M. (2010) - Educación en cine: memoria y patrimonio In Comunicar, 35; Andalucía : XVIII Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación, nº 35.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2007) - Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: uma Abordagem Europeia da Literacia Mediática no Ambiente Digital (Mimeo).

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2009), Recomendação da Comissão de 20 de Agosto de 2009 sobre Literacia Mediática no Ambiente Digital para uma Indústria Audiovisual e de Conteúdos Mais Competitiva e uma Sociedade do Conhecimento Inclusiva (Mimeo).

DAYRELL, J. (2007) - A escola «faz» as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil In VIEIRA, Maria Manuel (org.) Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d.) Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais (pp.149) Ministério da Educação. Lisboa: Consultado em 17 de Abril de 2013. <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (s.d) - Educação Visual, Ajustamento do programa de Educação Visual 3o ciclo. Consultado em 15 de Maio de 2013. <http://esna.ccbi.com.pt/file.php/1/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>.

DUARTE, R. (2002) - Cinema e educação, Belo Horizonte: Edição Autêntica.

ENGUITA, M. F. (2007) - Educação e Transformação Social, Mangualde: Edições Pedago.

LOPES, C. L. (2011) - Literacia(s) e Literacia mediática, Working Papers, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa

LOBO, M. G. (1999) - Formação de público para o cinema, Tese de mestrado, Universidade do Algarve, Faro 2010, How to improve cinema literacy, The experience of Programa JCE, in Avanca / Cinema: Edições Cine-Clube de Avanca, Tomo II.

FÉLIX, P. (2011) - O cinema na escola. Estudo de caso: a disciplina de opção de Cinema no 3º ciclo, no Algarve. Percurso e efeitos no tempo. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve (versão policopiada)

FRÓIS, J. P. (2005) - As artes visuais na educação: perspectiva histórica. Tese de doutoramento não publicada. Lisboa: Universidade de Lisboa.

GIL, I. C. (2001) - Literacia Visual, Estudos sobre a inquietude das imagens. Lisboa: Edições 70, Lda.

GONNET, J. (2007) - Educação para os Media. As Controvérsias Fecundas, Porto: Porto Editora.

KELLAWAY, L. (2011) - Palavras escritas já eram! Empresas na idade do vídeo. The Economist, O Mundo em 2011; 25 Anos – Edição especial Jornal Expresso, 2011

LUNA, M.R. (2008) - La enseñaza audiovisual para el fomento de competencias multiples. Revista Científica de Educomunicación nº 31, v. XVI. pp.470-475

MASCARELLO, F (org.) (2006) – História do Cinema Mundial, Campinas: Edição Papirus

NÓVOA, A. (2007) - O regresso dos professores, Conferência Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida, Lisboa, Parque das Nações, Pavilhão Atlântico, Sala Nónio 27 e 28 de Setembro de 2007, Universidade de Lisboa (mimeo).

NÓVOA, A. (2006) - Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo, Conferência Sindicato dos professores de São Paulo: 5 e 15 de Outubro 2006 (mimeo).

PINTO, M. (2011) - Educação para os Media em Portugal, Experiências, actores e contextos. Lisboa: Editora ERC, Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

POSTER, M. (2000) - A segunda era dos Media, A teoria social e os Novos Media: Lisboa.: Editora Celta.

RAMOS, J. (2004) - Cinema, televisão e publicidade, São Paulo: Edição Annablume.

RAMOS, A. et al. (2002) – Programa de Desenho A - Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2001. Consultado em 10 de Maio de 2013. <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2&letra=D>

ROSSINI, M. (2009) - Alexandre Silva (Org.). Do Audiovisual às audiovisuais: convergência e dispersão nos medias (Art. Traduções Audiovisuais: Múltiplos Contatos entre o Cinema e a TV), Porto Alegre: Edição Asterisco

ZAGALO, N. (2011) - Desenvolvendo e Expressando Conceitos em Ambiente de Jogo. Comunicação apresentada no workshop 6 do 1º Congresso Nacional, Literacia, Media e Cidadania. Braga: Universidade do Minho.